CERVANTES EN LOS ESCRITORES
CASAS-MUSEO Y FUNDACIONES

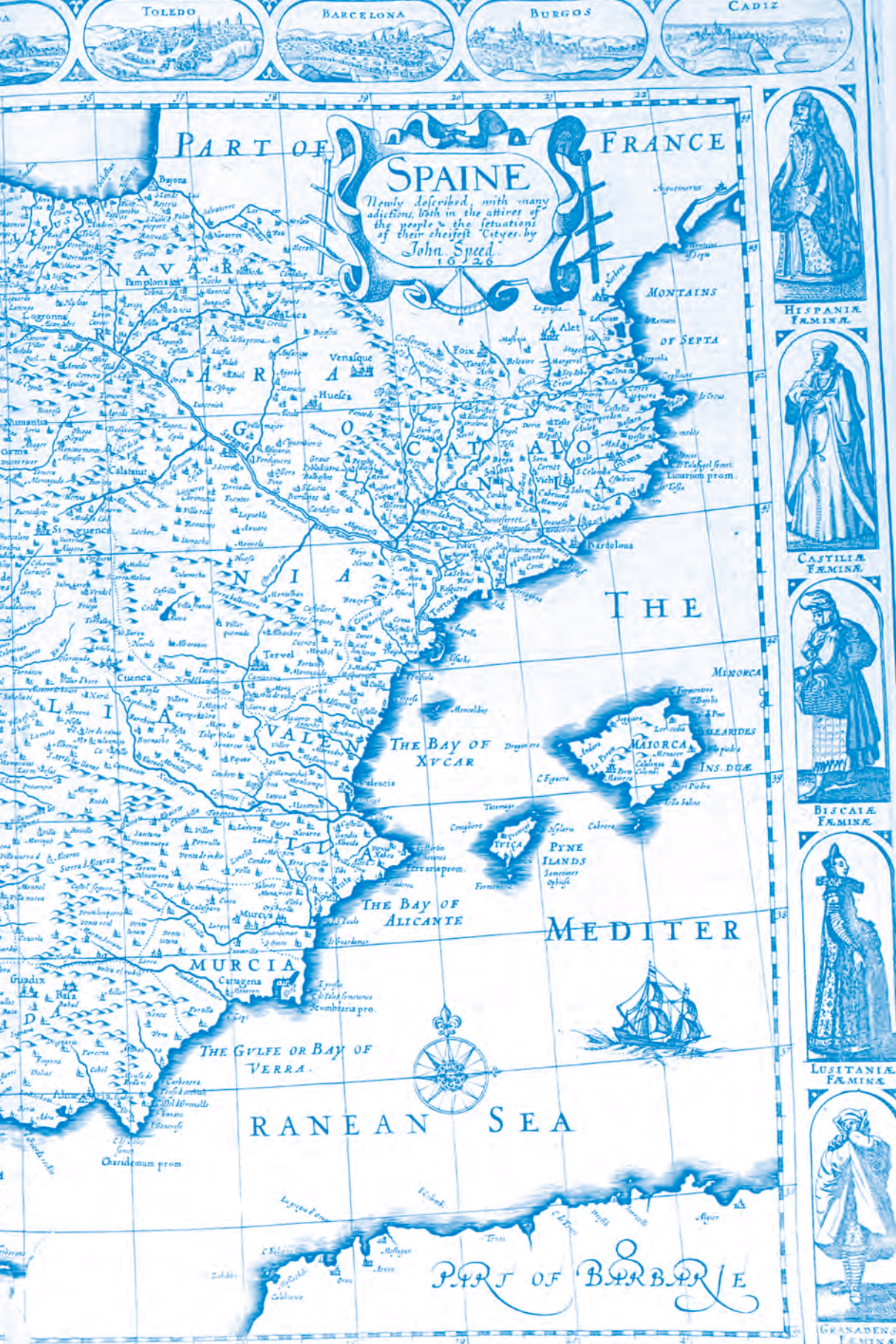
CERVANTES EN LOS ESCRITORES
CASAS-MUSEO Y FUNDACIONES

PRESENTACION

Querido lector:
Este libro que tienes en tus manos es un sincero y sentido homenaje al más grande de nuestros autores, don Miguel de Cervantes.
Al conmemorarse el cuarto centenario de su fallecimiento, desde ACAMFE (Asociación de casas-museo y fundaciones de escritores), queremos rendir homenaje y brindar en su honor, dedicándole este volumen de reseñas, artículos y poemas de un grupo de escritores que siempre reconocieron la influencia cervantina en su forma de ver la vida y entender la literatura.
Porque tal y como dijo Dostoievski, tan religioso él, al morir llevaría un Quijote bajo el brazo, y al ser preguntado por Dios en las puertas del cielo qué era lo mejor que había hecho en la vida, le hubiera contestado: "Leer esta maravilla que traigo en mis manos".
De esta manera, os dejamos en compañía de esta selección de textos de escritores que siempre llevaron a Cervantes en su corazón, y en su biblioteca.

Ibon Arbaiza – Presidente de ACAMFE

THE BISCAIEN SEA
THE
WEST
OCEAN
THE BAY OF CADIS
THE SPANISH SEA
FRETUM HERCVLEUM FORMERLY NOW THE STRAIGHTS OF GYBRALTER
Spanish Miles
Germain Miles
Are to be sold by Thomas Bassett in Fleet street & Richard Chiswell in St Pauls Church yard
HISPANI
CASTILI
BISCAI
LUSITANI
ASTVRIAS
GALLICIA
LEON
CASTILIA OLD
CASTILIA
PORTVGAL
ESTREMADVRA
ALGARVE
EL CONDADO
ANDALVS
NEWE
Ouiedo
Lugo
Mondonedo
Ribadeo
Corunna
Compostella
Orense
Astorga
Leon
Bragaca
Camora
Valladolid
Burgos
Salamanca
Avila
Segovia
Lamego
Vizeu
Aveiro
Coimbra
Guarda
Ciudad Rodrigo
Coria
Plasentia
Alcantara
Toledo
Madrid
Leiria
Tomar
Portalegre
Merida
Badajoz
Elvas
Olivenca
Evora
Sevilla
Ecya
Cordoua
Andinar
Alcudia
Cuidadreal
Beia
Tavila
Sacrum prom
Cadiz
Ronda
Malaga
Granada
Alcalarea
Jaen
Madrid


TOLEDO
BARCELONA
BURGOS
CADIZ
PART OF FRANCE
SPAINE
Newly described, with many adiections, both in the attires of the people, & the situations of their cheifest Cityes: by John Speed. 1626.
MONTAINS OF SEPTA
THE MEDITER
RANEAN SEA
THE BAY OF XVCAR
THE BAY OF ALICANTE
THE GVLFE OR BAY OF VERRA.
MINORCA
MAIORCA
BALEARIDES INS. DVÆ.
PYNE ILANDS
PART OF BARBARIE
HISPANIÆ FÆMINA.
CASTILIÆ FÆMINÆ.
BISCAIÆ FÆMINÆ.
LUSITANIÆ FÆMINÆ.
GRANADENSIS FÆMINA.

Aquilino Ribeiro na
Livraria Bertrand,
cerca de 1940.

AQUILINO RIBEIRO

"(...) Li o D. Quixote numa antiga versão portuguesa, anterior à do visconde de Castilho. Não me despertou nenhum interesse especial. A seccionação do entrecho em episódios distintos não amarra o leitor a isso que podemos chamar o fio de Ariadne dos romances. Não o li, pois, de fio a pavio como as obras que ao tempo empestavam os espíritos, todas elas dum lânguido e barato romantismo, tais a Dama das Camélias, Werther, As Pupilas do Senhor Reitor. Teria eu os meus 16 a 17 anos. Volvi a lê-lo na própria língua castelhana muito mais tarde, e comecei a tomar-me do engodo que este livro descerra para o mundo pensante e a compenetrar-me da razão por que vive quando a Divina Comédia, Orlando Furioso, Jerusalém Libertada, Henriade, são glórias da bibliografia e, se não regelaram, devem-no à função didáctica a que os obrigam nas escolas. Li-o ainda terceira vez, e fiquei empolgado.

D. Quixote não é em matéria de beleza imanente coisa que se compare com a Odisseia. Pelo engranzamento literário, é antes comparável à Bíblia. Esta tornou-se o condimento das obrigações religiosas do cristão, de modo que é problemático o seu poder estritamente literário sobre o intelecto.

Mas D. Quixote fala-nos, não pelo que tem de imaginativo, embora seja um livro de imaginação – todas as cenas sendo perífrases umas das outras – mas pelo que tem de humanidade e singular imprevisto. Porque é mais que o mundo às avessas, mas um mundo desconcertado, patente em suas rodagens íntimas, a trabalhar fora do ritmo comum. Reli D. Quixote e senti a riscar no meu subconsciente a sua agulha diamantífera de disco em rotação, se bem que tal e qual episódio, tirado do seu xadrez como qualquer das contas do rosário, perca de todo o sentido esotérico que lhe dá o conjunto. Um dia perguntei-me se acaso Cervantes, senhor de grande sensibilidade, posto que de magra cultura comparado com Fr. Luís de León, Calderón, Quevedo, o próprio Lope de Vega, não falando de Raimundo Lule e

Valdez, se não tornara, por assim dizer, o polarizador do ser espanhol? Que, fazendo uma caricatura, desenhasse o tipo espanhol? Melhor, a Espanha? Seria O Engenhoso Fidalgo, em história, o seu ectoplasma? Em pintura o seu retrato; em simbologia o seu símbolo; em psicologia a sua alma captada? Para melhor me convencer de que o meu pensamento não era uma desmesurada e tonta fantasia, tendo-se-me oferecido o ensejo de traduzir D. Quixote de la Mancha, pus-me a fazê-lo com minuciosa atenção, desfiando-o frase por frase, pensamento por pensamento, e, em seguida, as Novelas Exemplares. O melhor processo de me integrar nos segredos estruturais do autor, reconhecer-lhe os defeitos, sentir como eram delineadas as personagens, aprendendo a sua irradiação metaplástica, seria este. Assim, filtrei pela minha pena tudo o que passara pelo cérebro de Cervantes, mas é claro, com o parti pris dum analista. Suponhamos que demoli um edifício e tratei de o reconstruir nas suas linhas, alçado e formas, pesando pedra por pedra na palma das mãos. E, isto feito, pareceu-me que teria alguma razão em julgar que não exorbitara de todo no meu conceito. Este Quixote doido, esquizofrénico, capaz de todo o bem e de todo o mal em virtude mesmo da sua vontade desmedida de consertar o mundo, era um tipo bom ambiente, mas colectivo, com os mil braços de Briareu e as mil almas numa só alma.

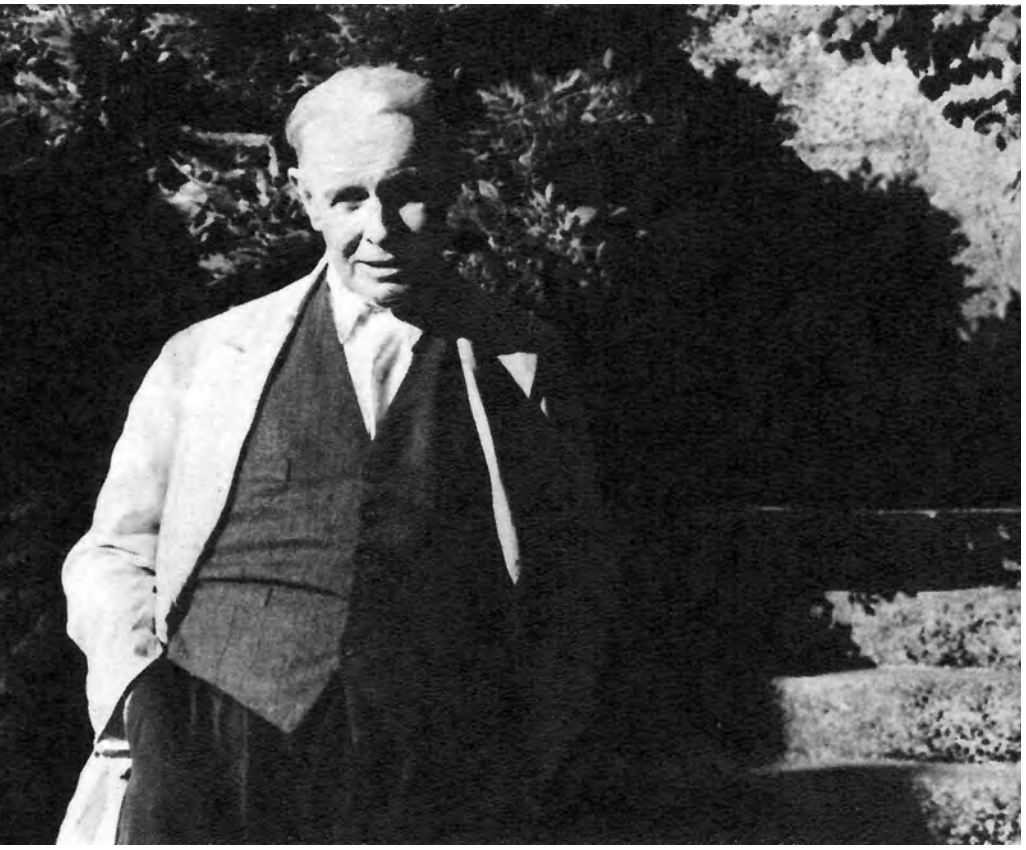
Portanto no D. Quixote não era um homem que me detinha com as suas tropelias, mas um povo, através dos tempos, que me assombrava com os feitos e a consciência em acção. Não era uma novela, mas a própria história rediviva.

Por certo que D. Quixote é um livro mal escrito. Mormente a Primeira Parte. A sua virtude, porém, é que, mal escrito e, depois, bem ou mal traduzido, é sempre D. Quixote, isto é, perdura um grande livro. O milagre, precisamente, está em que resiste a todas as deformações para melhor ou pior. O livro mais bem escrito de Cervantes é Persiles y Sigismunda. Apurado como estilo, frase penteadinha, termos escolhidos, quedou todavia intragável. Engano de autocrítica. Como se compreende? Cervantes, quando pegou da pena para escrever D. Quixote, era um homem desabusado e demagógico. De modo geral, encontrava-se em oposição ao existente. Em consequência, o D. Quixote tinha de ser um livro de inconformidade. Contra o espírito de cavalaria, que continuava a reinar e dera a Armada Invencível, ao serviço da qual, como comissário para o seu abastecimento, granjeara três prisões; contra a burguesia, da raça de Esquívias, suspeitosa e avara; contra as letras, em especial o género pastoril e o género dramático, sobrepujado por Lope de Vega, um, em que não conseguira lançar pé, outro,

Aquilino Ribeiro em família no escritório da casa da Soutosa, 1944.

Aquilino Ribeiro, 1963.

que não conseguira dominar com sua fidelidade à escola antiga, clássica, patrioteira e cediça; contra a Igreja, os padres e os frades que ajudaram a levá-lo para a cadeia; contra a nobreza, iletrada e pretensiosa, que nunca lhe fora verdadeiramente afecta, e ainda porque a dele era menos que de meia-tigela. O enjeitado do mundo, o escouceado, o sin-verguenza não podia frutificar senão no cavaleiro bota-abaixo e sandeu, forma ainda de passar indemne na alfândega da censura, contra o rei, o fidalgo e o monge, tudo o que era bem apegado na terra espanhola e continuava contente e reinadio.



Aquilino Ribeiro, na Soutosa, 1959.

Mas, devo declará-lo, entreguei-me a este labor, menos por furtar-me ao abraço de Caliban do que com o escopo bem assente de examinar a tessitura íntima da composição de Cervantes com a secreção do pensamento, tal o sirgo do bômbix. A sua tapeçaria é Arras verdadeiro: boa lã; belos padrões; urdidura antiga de lei. É isso que me traz ao proscénio público a expressá-lo, uma vez que adquiri esse direito desde que pretendi nacionalizar, digamos, o engenhoso fidalgo e o escudeiro fiel.

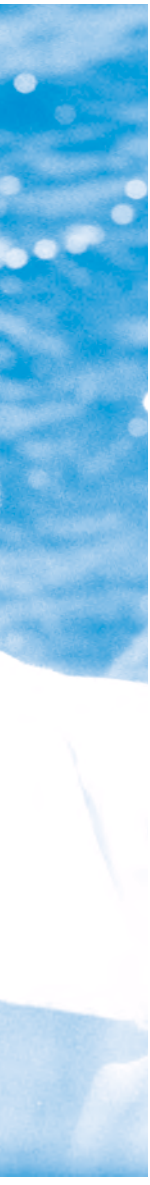
Porque é que D. Quixote interessa ainda o homem de hoje, tão diferente de gostos e escasso da sensibilidade a que podem dirigir-se as suas façanhas singulares? Precisamente porque é o poema da loucura que cada um sente ser o alburno da existência em que vai levado como um piroga no curso rápido dum rio. Não é a erasmística que salva, é a outra, espécie de exsudação necessária à vida do colóide. Senão em corpo inteiro, lá está a como que meia lua do nosso ser planetário. Para cada um, a grande significação do D. Quixote é esta. Por isso este livro, escrito, parece-nos bem, medianimicamente como o Apocalipse, não deixa de arrebatar as almas, ainda as mais fugidas à gravitação antiga. Se se acrescentar que tem como paisagem o povo espanhol, com a psique mais original de quantas segregou o bicho homem no vasto mundo, produto duma terra excessiva e cheia de contrastes, queda explicada a sobrevivência duma obra na aparência tão estapafúrdia. Um escritor, que traduz outro, abdica da personalidade, que é o principal timbre, se é escritor a valer, da sua arte. Acontece-lhe como ao alferes que perdeu a bandeira. Mas, repito, eu traduzi D. Quixote com o objectivo didascálico de o estudar, para mais numa hora em que nos estão vedadas as fontes da originalidade, se a linfa é outra que não a das bicas a que todos enchem o cântaro. Mas, devo declará-lo, entreguei-me a este labor, menos por furtar-me ao abraço de Caliban do que com o escopo bem assente de examinar a tessitura íntima da composição de Cervantes com a secreção do pensamento, tal o sirgo do bômbix. A sua tapeçaria é Arras verdadeiro: boa lã; belos padrões; urdidura antiga de lei. É isso que me traz ao proscénio público a expressá-lo, uma vez que adquiri esse direito desde que pretendi nacionalizar, digamos, o engenhoso fidalgo e o escudeiro fiel.

E com vagar, pois cá pela casa é do que mais abunda, se cometeu a obra dificultosa. Os senhores espanhóis nunca nos tomaram muito a sério. Nós também não os tomamos a eles. De parte a parte, rimo-nos de nossos defeitos, quando não nos desfazemos em loas às nossas virtudes recíprocas, das melhores, mais estupendas e piramidais da incrível Criação!"

RIBEIRO, Aquilino (1960), *No Cavalo de Pau com Sancho Pança*, Lisboa, Bertrand, pp. 8-13.

Barcelona, 1951.

BLAS DE OTERO



Entrante del libro Historias fingidas y verdaderas:

"...que las historias fingidas tanto
tienen de buenas y de deleitables
cuanto se llegan a la verdad
o la semejanza della, y las
verdaderas,
tanto son mejores
cuanto son más verdaderas."

Quijote, II, LXII

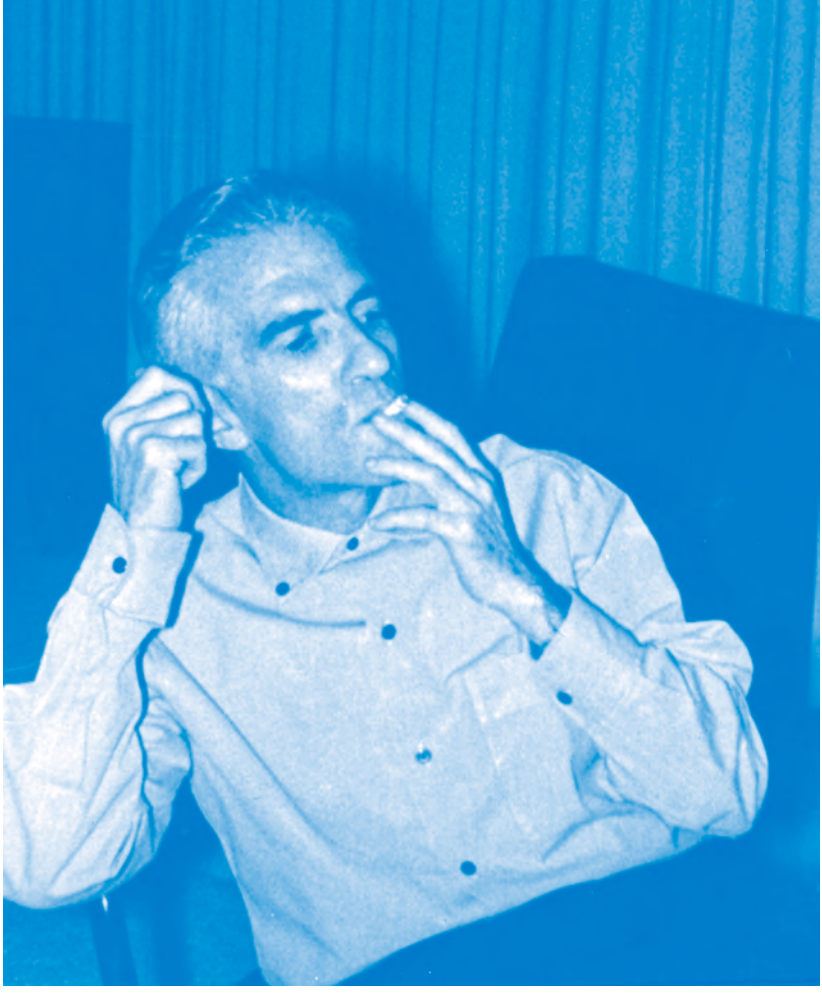
Una de las prosas del libro, en la cual cita a Don Quijote:

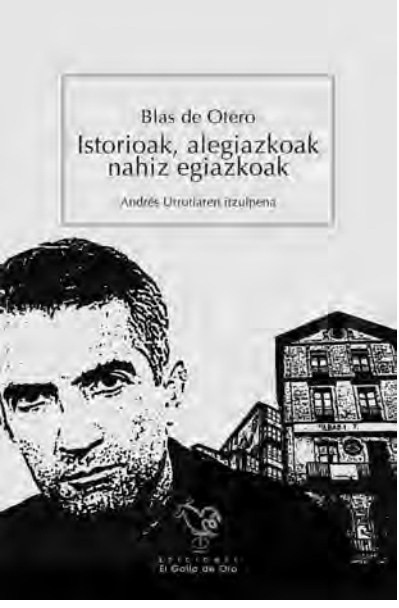
Reforma agraria

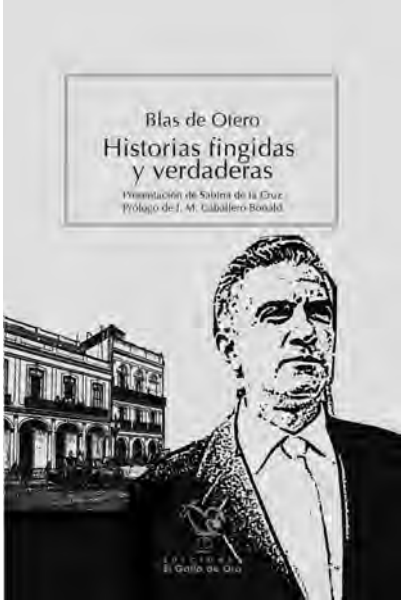
Aquí nos exhibimos tal como somos, en la feria colorista. Donoso retablo de maese Pedro, bajo el din-don de las campanas, atabales de la tarde de toros, chirimías y carruseles verbeneros. *¡Hermosa tierra de España!* Campo de soledad, éxodo hacia la ciudad, emigración hacia improbables países. El campo y sus anchas espaldas. La boca desdentada. El santo campo blanqueado.

Estático. ¿Los siglos? Sombras vanas. Se nos apareciese en esta llanura el rancio arlequín de don Quijote, no fingiríamos asombro. Se moviese por estos campos gente armada de la Santa Hermandad, no dudaríamos un momento. Adviniese por ese sendero algún familiar del Santo Oficio, estamos curados de espanto.

Blas de Otero




Blas de Otero
Istorioak, alegiazkoak nahiz egiazkoak
Andrés Urrutiaren itzulpena
Ediciones
El Gallo de Oro


Blas de Otero
Historias fingidas y verdaderas
Presentación de Sabina de la Cruz
Prólogo de J. M. Caballero Bonald
Ediciones
El Gallo de Oro

Casa blasonada de los Quijada. Quizá uno de sus dueños fue quien inspiró el tipo de Don Quijote.

CARMEN CONDE Y ANTONIO OLIVER

Temas cervantinos: El Morisco Ricote
Por Antonio Oliver Belmás

En el folklore ricotí, suena todavía, de boca en boca, un adagio antiguo: *Rico Ricote, rico serás. ¡Si la oliverica de la Muña pudiera hablar...!* que el pueblo entona, a veces, de esta forma: *Rico Ricote, rico serás si la oliverica de la Muña pudiera hablar...!* con lo que varía el sentido misterioso del adagio.
Ricote es un personaje cervantino, amigo y convecino de Sancho, según reza la gran novela de nuestro glorioso Ingenio. Ricote es también un pueblo murciano, sito en lugar arriscado, desde donde domina el fértil valle de su nombre y en el cual, aún hoy, si se observan detenidamente las costumbres y rasgos de sus moradores, los ricotíes, se les descubre una cercana raíz árabe. Ricote fue patria del célebre matemático musulmán "El Ricoti", a quien Alfonso X, cuando conquistó Murcia, le ofreció una cátedra en el centro de estudios para jóvenes de las tres religiones que nuestro Rey Sabio en Murcia creó. Mas si "El Ricoti", por fidelidad a sus creencias mahometanas, no aceptó la generosa oferta y tolerante requerimiento de Alfonso X, huyendo rápidamente a Andalucía, muchos hermanos suyos quedaron en Ricote y su valle, cultivando amorosamente esa tierra feraz que ya para ellos puede decirse que era la de su patria.
El sabio cervantista don Francisco Rodríguez Marín, aduciendo asientos que figuran en el archivo parroquial de Esquivias, nos demuestra que en el siglo XVI existían gentes en dicho pueblo, apellidadas Ricote. Por tanto, para el señor Rodríguez Marín, el Ricote de la novela tuvo su paralelo real con algún Ricote de Esquivias, contemporáneo de Cervantes.
No dudamos nosotros de que en Esquivias existiesen moriscos, cuando el bando de expulsión de 1610 incluye entre los de otras regiones, a los moriscos de la Mancha. Pero, ¿por qué entre todos los moriscos de Esquivias se ha de escoger sólo a Ricote? ¿Por qué esa preferencia con este apellido? ¿Era éste, acaso, el único morisco de Esquivias que Miguel podía conocer? Permítasenos recordar que en 1613 escribía Cervantes la segunda parte de "Don Quijote de la Mancha" y que en el capítulo LIV de la misma nos habla por primera vez de Ricote

el morisco. En este año de 1613, precisamente, es cuando nuestro tercer Felipe, desde Ventosilla, encarga a don Bernardino de Velasco, conde de Salazar, que fue quien llevó a cabo todas las anteriores expulsiones, la última de ellas, o sea, la de los moriscos del Valle de Ricote. Los mudéjares ricotíes habían sido exceptuados hasta entonces de las proscripciones reales, por haberse dicho "que estaban muy emparentados y unidos con los christianos viejos y vivían como tales cathólicos y exemplarmente", lo que luego parece que no resultó verdad. Era, pues, la expulsión de los moriscos de Ricote —para favorecer la cual acudió con sus navíos a Cartagena el príncipe Filiberto de Saboya, General de la Mar— actualidad política española muy viva, suceso que, naturalmente no pudo ser desconocido de Cervantes, a la sazón en Madrid, ya primer mentidero y tornavoz de la nación.

El morisco Ricote, para nosotros, es la encarnación de todos los moriscos del Valle de Ricote. La toponimia, como en tantas ocasiones, da lugar aquí al patronímico. En ese morisco representó Cervantes no sólo a los del referido lugar, sino a todos los de España. Ricote es un símbolo y una alusión al acontecer histórico del momento, surgido cuando Miguel ponía la pluma en la parte última del "Quijote".

El buen escritor, va siempre de lo particular a lo general, de la anécdota a la categoría. El lanzamiento de los moriscos del Valle de Ricote, motivo estrictamente murciano, aunque de dimensión nacional, traería a las mientes de Cervantes, ya sexagenario, la figura de algún convecino suyo de Esquivias, de los que nos habla el señor Rodríguez Marín y así se enlazaría la actualidad con recuerdos de La Mancha y sus gentes y con evocaciones de las tierras de Murcia, conocidas ha tiempo de Cervantes, hasta convertir, por fin, al personaje novelesco —con nombre de coterráneo manchego y de lugar murciano— en la encarnación de todos los moriscos expulsados. Las asociaciones de ideas tienen mucha importancia en psicología y, por ende, en la novelística, ya que toda buena novelística es primordialmente psicología.

Cierto que la oliverica de la Muña no estaba en Esquivias, sino en tierras de Murcia. Pero, nuestra fantasía corre tras ella y pensamos en nuevas novelas que, en torno a Ricote pueblo y a Ricote hombre un buen escritor de ahora, podría indudablemente construir. En derredor de la oliverica de la Muña cabe el tejer cien buenos cuentos de fuente más o menos oriental. Sobre todo, cuando sabemos que Ricote se queda, últimamente en España, gracias a la generosidad del virrey de Barcelona y más que nada, claro es, a la de Miguel de Cervantes, su creador.

Esquivias, por donde anduvo Cervantes
Por Carmen Conde

Llegamos en una tarde apacible de la recién iniciada primavera, y el pueblo estaba mitad dormido mitad en la calle, soñisqueando el presente cargado de promesas de buen tiempo. En la Iglesia, unas mujeres de negro y un hombre; rezaban devotamente, vestidos de domingo, y su fiesta mejor parecía ser aquella de entregarse a la meditación solitaria y de ancho espacio físico en torno del espiritual.
La plaza, con poca gente; las calles, tranquilas y en su lento discurso de ríos estrechos que no parece que corran hacia ningún mar. Los niños, jugando sin demasiado alboroto. Todo, en fin, digno y grato, suavizado o siempre suave allí.
Como por los campos recientes habíamos deseado tantas veces echarnos a la tierra y acostarnos en ella para descansar, para acomodarnos, ya, y vivos, a una distensión calmante y apaciguadora, el llegar allí nos produjo como un anticipo de lo que sería aquello del reposo al pie del cielo extenso de La Mancha...
A una niña grandecita que paseaba con otras más chicas, le pregunté:
—¿La casa de doña Catalina...?
Y ella me dijo, *"Allí"*, sencillamente, sin preguntarme más ni por qué. La casa de doña Catalina era la casa principal del pueblo, la que habita la señora indiscutible, la que todos acatan y conocen y quieren, respetan, porque la saben esposa del caballero importante del lugar. *Un lugar* tan amplio, Señor, que es el universo entero, de punto a punta!
No había más que seguir la indicación *allí* para llegar hasta donde nos proponíamos. Por una calle o por la otra, las dos, todas llevaban a ella!, fuimos caminando despacio.
No teníamos urgencia de alcanzar a la señora en su casa, ni temíamos que estuviera en la Iglesia (acabábamos de visitar ésta), ni de que se dispusiera a salir a hacer alguna visita dominguera. La señora estaría en su casa, ciertamente, esperándonos. Espera siempre, desde hace siglos, que vayan a rendirle homenaje los visitantes de su pueblo. Si bien los hubo tan violentos que se permitieron robarle sus muebles, arrasarle su intimidad, ella, gentil, se adaptó a otros y sigue viviendo en donde ningún cataclismo podrá con ella.
Había un hombre solo, joven, plantado en la placita de delante de su casa; después de nuestra llegada vinieron otros hombres más a incorporarse al primero.
—¿Es la casa de doña Catalina?
—Ahí la tienen ustedes.

Iglesia donde se casó Cervantes, y que conserva la partida de su boda.

Los hombres que vinieron, de todas las edades, eran habladores bonachones; les gustaba hablar de la señora a quien ningún viento de arriba ni de abajo moverá de su clausura. Y fueron contándonos las cosas que pasaron, las que se perdieron, y oyéndonos las que nunca se perderán aunque las palabras se las lleve el aire.
Recordaba yo que hacía poco relativamente, por otras tierras —frías y serranas— anduve preguntando también por la casa de una señora determinada: ¿La casa de Francisca?, decía yo. Y me contestaban: "Ah, sí! La de Rubén. Allí". Es decir: que hay casas y hay mujeres que por haber sido de señores principales, no arrían nunca el pabellón de su vecindad. Siguen vigentes en los pueblos, aún más si cabe que ellos, los protagonistas mismos. La casa de Francisca en Gredos, la casa de doña Catalina en Esquivias... Bueno, hay una pequeña —pequeñísima diferencia ya en el tiempo!— entre ambas casas y ambas mujeres con respecto a los hombres de quienes tomaron renombre.

1959

(fotografías de la autora)

Puerta de la casa de Doña Catalina Salazar, esposa de Cervantes.

La plaza, con poca gente; las calles, tranquilas y en su lento discurso de ríos estrechos que no parece que corran hacia ningún mar. Los niños, jugando sin demasiado alboroto. Todo, en fin, digno y grato, suavizado o siempre suave allí.

DOMINGO RIVERO

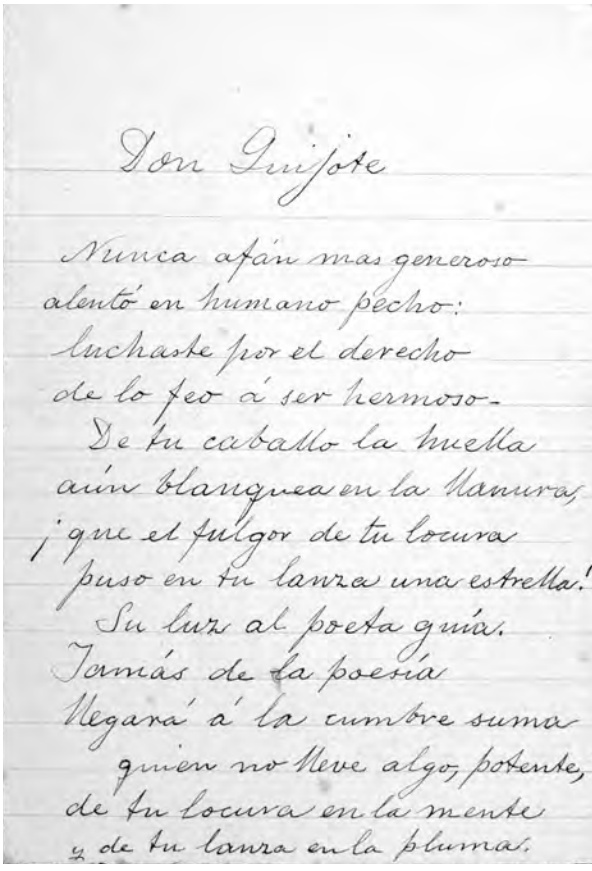
Don Quijote

Nunca afán mas generoso
alentó en humano pecho:
luchaste por el derecho
de lo feo á ser hermoso.

De tu caballo la huella
aún blanquea en la llanura,
¡que el fulgor de tu locura
puso en tu lanza una estrella!

Su luz al poeta guía.
Jamás de la poesía
Llegará á la cumbre suma

quien no lleve algo, potente,
de tu locura en la mente
y de tu lanza en la pluma.


Don Quijote

Nunca afán mas generoso
alentó en humano pecho:
luchaste por el derecho
de lo feo á ser hermoso.
De tu caballo la huella
aún blanquea en la llanura,
¡que el fulgor de tu locura
puso en tu lanza una estrella!
Su luz al poeta guía.
Jamás de la poesía
llegará á la cumbre suma
quien no lleve algo, potente,
de tu locura en la mente
y de tu lanza en la pluma.

«(Antero de Quental) Atravessa o Atlântico, por puro desejo de espaço e liberdade, num pequeno iate; e durante semanas de tormenta trabalha descalço na manobra, ou, metido no seu beliche, que as ondas alagam, embrulhado num oleado, relê o D. Quixote, com um interesse e uma paixão renovadas, talvez por sentir que nessa grande história da Ilusão está lendo a sua história.»

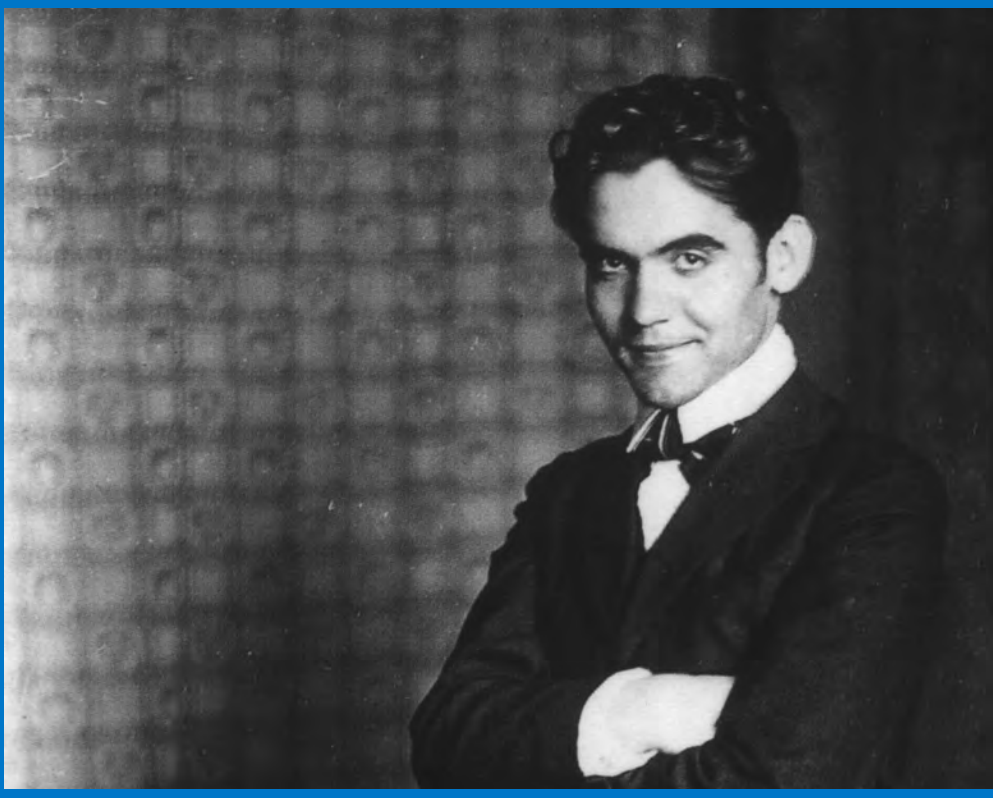
Texto «Um Génio que era um Santo» in Antero de Quental – In Memoriam, 1896.

EÇA DE QUEIRÓS

«Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava:
- Que beleza!
E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:
- Que beleza!

Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho. Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passámos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinho a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras!»
Um quarto, a que me levaram três portas escancaradas com franqueza serrana, era certamente o de Jacinto: a roupa pendia de cabides de pau: o leito de ferro, com cobertura de fustão, encolhia timidamente a sua rigidez virginal a um canto, entre o muro e a banquinha onde um castiçal de latão resplandecia sobre um volume do D. Quixote»
«Em breve, porém, me fez pular, escancarar as pálpebras moles, uma rija, larga, sadia e genuína risada. Era Jacinto, estirado numa cadeira, que lia o D. Quixote... Oh bem-aventurado Príncipe! Conservara ele o agudo poder de arrancar teorias a uma espiga de milho ainda verde, e por uma clemência de Deus, que fizera reflorir o tronco seco, recuperara o dom divino de rir com as facécias de Sancho!»
«E libertado enfim do invólucro sufocante da sua Biblioteca imensa, o meu ditoso amigo compreendia enfim a incomparável delícia de ler um livro. Quando eu correra a Tormes (depois das revelações do Severo na venda do Torto), ele findava o D. Quixote, e eu ainda lhe escutara as derradeiras risadas com as coisas deliciosas, e decerto profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro.»

A Cidade e as Serras, 1901



FEDERICO GARCÍA LORCA

Palabras antes de una representación de tres entremeses de Cervantes

Esta noche, el Teatro Universitario trabaja delante de los alumnos de la Universidad Popular de la F.U.E. y experimenta por eso una de sus mayores alegrías y ve claro su fin más anhelado, que es el enseñar, mover, fibra y ala de sentimiento dormido.

Es significativa de la época actual esta compenetración de todos, este ansia de llevar la cultura y el pan a los cuatro puntos cardinales. Los estudiantes aprenden de sus maestros y a su vez enseñan a los que se acercan a ellos con ganas de saber. Éste es el verdadero objeto de la universidad, aspiración de nuestro modesto teatro, y por esto esta interesante labor de la F.U.E. ha sido tan bien acogida en toda España.

Vamos a representar para vuestro deleite tres entremeses del gran poeta don Miguel de Cervantes, padre del idioma que todos habláis.

Estas tres obritas son tres joyas en las que se nota la maestría del poeta que trabaja con alegría y con altura. Es decir, dominando el tema. Esta sensación de dominio, de caliente frialdad, la tiene Cervantes como la tiene Goethe.

Es la facultad de ir guiando los asuntos por un cauce previsto sin que jamás falte el temblor misterioso de lo inspirado. Alameda plantada con estilo personal donde el poeta permite que entre un viento de no se sabe dónde.

Cervantes trabaja con su plano ya hecho y por eso asombra la sensación de cosa inspirada, de dalia nacida, que corre por toda su obra fresquísima.

Y desde luego no es arqueología, no es viejo, no está pasado. Estos entremeses están vivos, como acabados de hacer, y yo he visto su efecto siempre despierto en los públicos de aldeas y de ciudades. Trama y lenguaje de farsa humana eterna con los mismos perfiles inalterables en autores posteriores, ya se llamen Molière o Pirandello. Farsa y norma que llega a ser como el tuétano del verdadero teatro, gráfico de hueso donde la máscara día y noche llora y sonríe desde la aorta griega donde nació la escena y las normas con las que vive y vivirá. Los tres entremeses que representamos se llaman «La cueva de Salamanca», «Los dos habladores» y, el tercero, «La guarda cuidadosa».

Con alegría representamos para vosotros y ojalá pudiéramos hacer más. Amigos y compañeros: salud a todos.

Federico García Lorca. 1933

"Cuando me hablaron de pronunciar esta conferencia el rector me indicó que convenía referirse a Cervantes, y yo le dije que hablaría. Así lo voy a hacer, y con entero derecho.

Juan Ramón Jimenez
fotografiado por Juan Guerrero Ruiz en su casa de la calle Padilla, 34, Madrid 7 de junio de 1931. Fototeca Centro de Estudios Juanramonianos.

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

Cervantes nos aparece en la vida de Juan Ramón desde sus comienzos. En el segundo descanso de la escalera de mármol de su casa en Moguer, un jovencísimo Juan Ramón encontró su lugar favorito de soledad, allí leía los libros que encontraba por su casa, como el *Quijote* y otros libros de viaje.

Conservaba en su biblioteca personal, hoy en Moguer, distintas ediciones de sus libros, como *Novelas ejemplares*, *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, diversos estudios sobre el autor, homenajes de teatro y conciertos, y las primeras publicaciones turísticas de la Casa de Cervantes, entre otras.

Gracias al libro *Juan Ramón de viva voz*, conocemos una simpática anécdota en su visita a Alcalá de Henares, con la familia Guerrero Ruiz, en 1931:

Entramos en Alcalá y frente a la Universidad nos apeamos del coche. El sol de media tarde dora aún más la piedra dorada de la espléndida fachada, que Juan Ramón elogia con amor. Desde allí vamos hacia la iglesia parroquial, donde fue bautizado Miguel de Cervantes. Mientras María Fuensanta y yo entramos a ver la pila bautismal, Juan Arturo queda a la puerta con Zenobia y Juan Ramón. Al salir, Juan Ramón sostiene animado diálogo con un chicuelo de unos cinco años de edad. Está el chiquillo, rubio y muy gordo, plantado ante él con las manos a la espalda y la tensa barriga hacia adelante.

Cerca hay un puesto de churros, y Juan Ramón le pregunta: "Vamos a ver, ¿cuántos churros te comerías tú?". El gordito responde: —"Yo, toos. —"Bueno, hombre, pues antes de comer churros dime de quién es aquella estatua que hay en el centro de la plaza." El chico, muy serio, responde: "Del Ayuntamiento". —"Sí, será propiedad del Ayuntamiento, pero la figura, ¿a quién representa?, ¿quién es?"—. Confusión; no lo sabe, repite que es del Ayuntamiento. Juan Ramón, con gran acento andaluz, le dice: —"De Cervantes, hombre, de Cervantes, que escribió

el Quijote; ya lo sabes para cuando otros te lo pregunten". Le damos unas monedas para churros y el chiquillo corre gozoso en busca de la golosina, y vuelve devorándola para decirnos adiós.[1]

La Universidad de Puerto Rico le encomienda a Juan Ramón una conferencia sobre el romance español para homenajear a Cervantes en el 338 aniversario de la muerte. El moguereño la tituló *El romance, rio de la lengua española* y fue pronunciada en Puerto Rico el 23 de abril de 1954. Dijo el poeta de este encargo: "*Cuando me hablaron de pronunciar esta conferencia el rector me indicó que convenía referirse a Cervantes, y yo le dije que hablaría. Así lo voy a hacer, y con entero derecho*.[2]

En cuanto a las referencias a Cervantes o El Quijote en la obra de Juan Ramón, no son pocas las que encontramos. En *Platero y yo*, en el prólogo a la nueva edición, nos habla del "grande Cervantes":

Vuelto yo a Madrid, 1912, Francisco Acebal, director de «La Lectura», que leyó algunos de mis manuscritos de «Platero», me pidió una selección para su «biblioteca de juventud». Yo no le toqué, como digo en la nota preliminar de este librillo, a lo escogido para él. ***Yo (como el grande Cervantes a los hombres)*** *creía y creo que a los niños no hay que darles disparates (libros de caballerías) para interesarles y emocionarles, sino historias y trasuntos de seres y cosas reales tratados con sentimiento profundo, sencillo y claro.*[3]

En el capítulo La muerte de *Platero*, con el tema de un nuevo Quijote:

*...ese día me dijo don Francisco cariñosa y zumbonamente que me había escrito una carta larga y escesiva, una carta de primera impresión, que luego había roto, no fuese yo, me dijo, cojiéndome el brazo, a creérmelo. Me hablé un poco (con la vijilancia en pie y amable de Cossío, no se fuera a cansar) de la prosa, del estilo, del paisaje, de las posibilidades que había en el tema de un nuevo Quijote***.** *Y de pronto se detuvo. alcanzó un ejemplar y me leyó lenta y noblemente la pájina de la muerte de Platero y repitió el último párrafo más despacio:*
Por la cuadra en silencio, encendiéndose cada vez que pasaba por el rayo de sol de la ventanilla, revolaba una bella mariposa de tres colores...[4]

---

[1] Guerrero Ruíz, Juan: *Juan Ramón de viva voz. Vol. I (1913-1931).* Prólogo y notas de Manuel Ruiz-Funes Fernández, Valencia, Pre-Textos. Museo Ramón Gaya, 1999, p. 238.
[2] Gullón, Ricardo: *Conversaciones con JRJ*. Madrid, Diálogo, 1958, p. 147.
[3] Jiménez, Juan Ramón: *Platero y yo*. Sevilla, Faceediciones, 2014, p. 136.
[4] Op. Cit 3, p. 165.

En *Diario de un poeta recién casado* también hay referencias a la obra de Cervantes. Hay un poema titulado "Argamasilla del mar", escrito durante el viaje en barco desde España a Estados Unidos, donde mezcla el pueblo Argamasilla de Alba que aparece en El Quijote con el mar que está cruzando el poeta.

DIARIO DE UN POETA RECIÉN CASADO
XLVIII
8 de febrero.
ARGAMASILLA DEL MAR

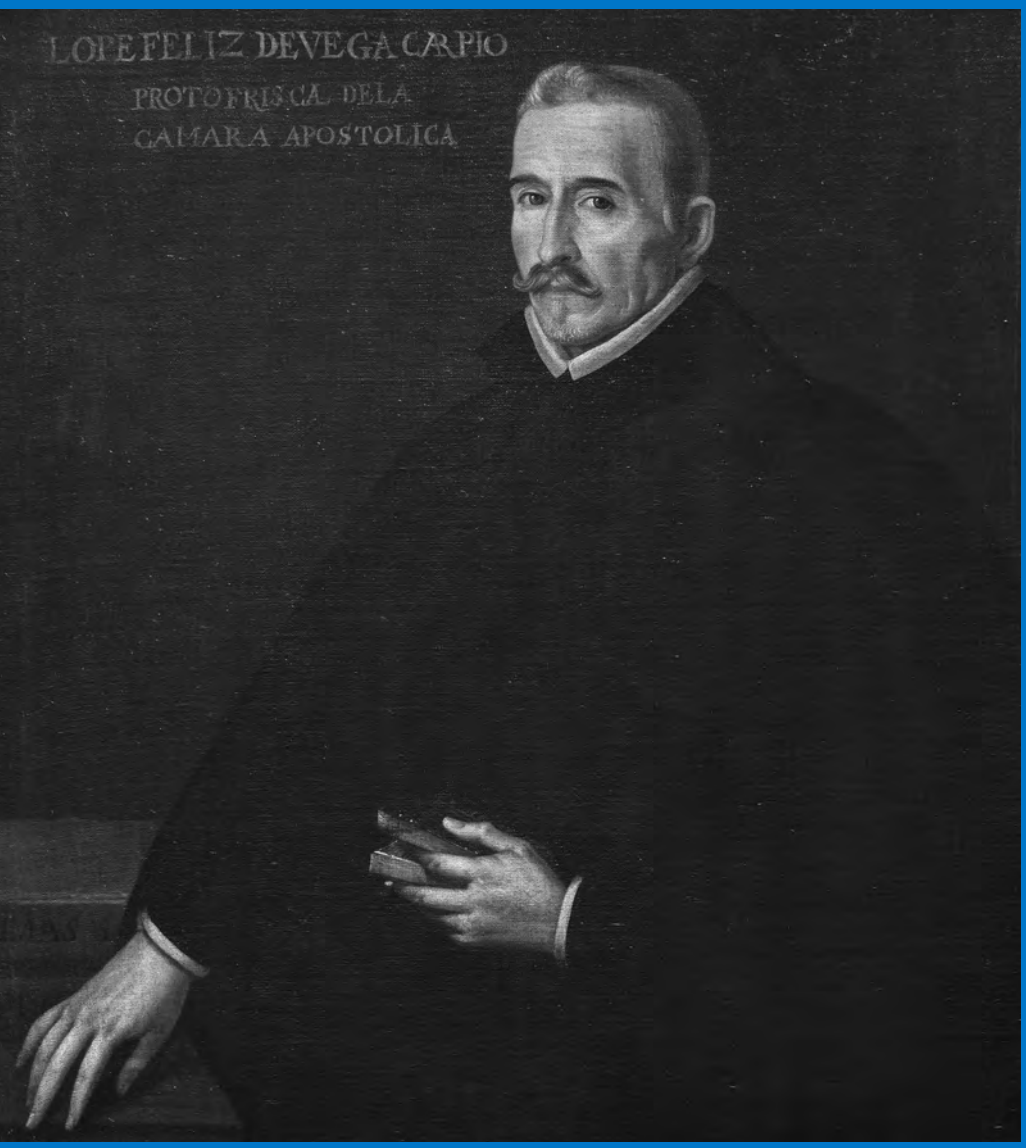
Si La Mancha, de agua.
Desierto de ficciones líquidas.
Sí. La Mancha, aburrida, tonta.
-Mudo, tras Sancho triste,
negros sobre el Poniente rojo, en el que aún llueve,
Don Quijote se va, con el sol último,
a su aldea, despacio, hambriento,
por las eras de ocaso-.
¡Oh mar, azogue sin cristal;
mar, espejo picado de la nada![5]

Por último mencionar que en el poema en prosa *Tiempo*, obra inconclusa y póstuma de Juan Ramón, ligada a *Espacio*, vemos como Juan Ramón, incluso en lo avanzado de su vida, continúa leyendo a Cervantes:

"Yo mezclo siempre en mi lectura constante, lenta y suficiente, lo moderno y lo antiguo. El otro día encontré aquí una edición de Cervantes y me puse a releer las «Novelas Ejemplares». Es curioso que Cervantes, al contar en «El Licenciado Vidriera» lo que Tomás Rodaja, Miguel de Cervantes, vio en Italia (Florencia, Roma, etc.) no cite una sola obra de arte, arquitectura, escultura, pintura. La descripción de lo visto es la que podía haber hecho un carrero de entonces y de ahora. Y qué empleo tan desdichado y tan pedestre del truco y del «colmo». La verdad es que Cervantes no adelantó nada en curiosidad ni en viveza al Arcipreste de Hita, por ejemplo. Comprendo que Calderón gustara tanto en Alemania, su imajinacion es rica a la alemana, como la de Cervantes es pobre a la española. Cervantes debió ser intolerable como hombre y Calderón como esteta.[6]

[5] Jiménez, Juan Ramón: *Diario de un poeta recién casado (1916-1917)*. Madrid, Visor libros, 2001, p. 92.
[6] Jiménez, Juan Ramón: *Espacio y Tiempo*. Ourense, Linteo, 2012, p. 227.

Anónimo
Retrato de Lope de Vega, 1632-1635
89,5 x 77,5 cm.
Depósito del Instituto de Valencia de Don Juan
Casa Museo Lope de Vega
Comunidad de Madrid.



LOPE DE VEGA

Laurel de Apolo. Silva VIII

En la batalla donde el rayo austrino,
hijo inmortal del águila famosa,
ganó las hojas del laurel divino
al rey de Asia en la campaña undosa,
la fortuna insidiosa
hirió la mano de Miguel de Cervantes;
pero su ingenio en versos de diamantes
los del plomo volvió con tanta gloria,
que por dulces, sonoros y elegantes
dieron eternidad a su memoria;
porque se diga que una mano herida
pudo dar a su dueño eterna vida.

Lope de Vega, 1631

Mário Cesariny
fotografia de Duarte Belo.

MÁRIO CESARINY

Notícia

Enquanto três camelos invadiam o aeroporto do Cairo e o pessoal
de terra loucamente tentava apanhar os animais
eu limpava as minhas unhas
quando acabava de ser identificada a casa onde viveu Miguel Cer-
vantes, em Alcalá de Henares,
eu saía para o campo com Rufino Tamayo
enquanto um português vivia trinta anos com uma bala alojada
num pulmão
chegava eu ao conhecimento das coisas
Agora já não há braseiros — os destroços foram removidos —
os animais espantaram-se
e como se não fosse desde já um admirável e surpreendente esforço
a nossa acção de escritores
afogado num poço canta um homem

ORADOUR-SUR-GLANE

Gritos brancos gritos pardos gritos pretos
não mais haverá braseiros — os destroços foram removidos

E não esquecendo o esforço daquele outro
que para aquecer o ambiente apareceu morto
e não enviou convite nem notícia a ninguém
Mundo mundo vasto mundo
(Carlos Drummond de Andrade)
os conspiradores conspiram
os transpiradores transpiram
os transformadores aspiram
e Deus acolhe tudo num grande cesto especial

A lei da gravidade dos teus olhos, mãe,
a lei da gravidade aqui está é um poeta
num barco a gasolina não não não é um operário
com um martelo na mão muito depressa
os automóveis passam o rapazio grita
o criado serve (se não servisse morria)
os olhos em vão rebentam a pessoa levantou-se
tantas crianças meu Deus lá vai o meu amor

Também ele passou trezentas vezes a rampa
— que estranhas coisas passaram os poetas é que sabem

construção construção
progresso no transporte

ORADOUR-SUR-GLANE

Souviens-toi

REMEMBER

CESARINY, Mário. *Pena Capital*

Mário Cesariny
fotografia de Eduardo Tomé.

Hace dos siglos todavía era Don Quijote exclusivamente figura cómica, la que le dio audiencia entre tantos españoles: raíz del desprecio hacia su autor de ciertos literatos que por mejores se tenían.

Tuvieron que llegar, digamos, Fielding, Schlegel, para que la figura del Ingenioso Hidalgo adquiriese más luces y profundidad. Sólo así se comprende que su autor prefiriese otras obras suyas.

MAX AUB

ALGUNOS QUIJOTES

Tal vez, ¡quién sabe!, no tuvo Cervantes otro propósito que «escribir un libro de pasatiempo» como dice Valera. Por otra parte, es difícil saber qué se propone cualquier autor al empezar una obra, a menos que sea mala, en cuyo caso siempre puede imponer su premeditación, actuar con alevosía, irse «a la guerra de los treinta años». Fuere como fuese, sucede que este « libro de pasatiempo» refleja como ninguno los valores más duraderos de «su» tiempo.

Ahora bien; *El Quijote* ha ido cambiando de sentido según los tiempos, ya que no de forma, que la ganó imperecedera precisamente por mor de «su» tiempo. Nuestro *Quijote*, el de mediados del siglo XX, no es el del siglo XVII ni será el del siglo XXII, de la misma manera que vemos hoy las estatuillas etruscas tal como las hicieron sus escultores; pero el sentido, la emoción, la expresión –de ellas a nosotros, de nosotros a ellas- es otro, como serán distintos Goya y Picasso para quienes los vean dentro de mil años. Excelente sería una historia de las variaciones, del gusto, de las apreciaciones a través del tiempo, sea del *Quijote*, de Apuleyo, de Quevedo, de Góngora, por no decir de los altibajos sufridos en la almoneda del tiempo por Rafael o Murillo. Cada época deja constancia de sí las obras que le corresponden y, a su vez, la forman; pero también en la manera de sentir y valorar lo anterior conocido.

Hace dos siglos todavía era *Don Quijote* exclusivamente figura cómica, la que le dio audiencia entre tantos españoles: raíz del desprecio hacia su autor de ciertos literatos que por mejores se tenían. Tuvieron que llegar, digamos, Fielding, Schlegel, para que la figura del Ingenioso Hidalgo adquiriese más luces y profundidad. Sólo así se comprende que su autor prefiriese otras obras suyas. Pero dos siglos después había cambiado el mundo, los duques no eran lo que fueron y parte de lo que defendía

Max Aub en su biblioteca particular de Euclides, 5. [México, D. F. (México)]. 1955

Don Quijote había pasado a ser general ley ansiada y aun a veces escrita. Rousseau defendió un mundo hermano al del Ingenioso Caballero. *Don Quijote* fue el adelantado de la constitución norteamericana, adalid de muchos postulados morales que enarbolaría la Revolución Francesa. *Don Quijote* es, a esta luz, un político, defensor de un mundo más justo, reñido con la paz impuesta por los poderosos fueran quienes fueran: engendros, dioses, fantasmas o ejército.

Don Quijote es la guerra, la guerra justa, basada en la razón y el derecho de los ofendidos, que no hay día sin crueldad de poderosos. «No me puedo persuadir que haya hoy en la tierra quien favorezca viudas, ampare doncellas, ni honre casadas, ni socorra huérfanos…» *Don Quijote* intenta persuadir, mas si no se aceptan íntegras sus condiciones, recurre a la fuerza de su brazo. Su vencimiento y, por natural consecuencia, el de la noble causa que defiende y encarna, dan el tono pesimista, cruel, irónico que forma una de las apariencias inmortales del singular manchego; pero, como la idea es más fuerte, resurge y es carne de imaginación; la esperanza completa de figura y de ambas saca el Caballero de la Triste Figura su perennal grandeza, por lo menos, como le vemos hoy. Que ayer era otra cosa. Por ejemplo, como puede verse en la portada de ocho tomitos, en cuatro volúmenes, que, a la letra, dicen:

«NAPOLEON», el verdadero Quijote de la Europa, o sea, comentarios crítico-patriótico-burlescos a varios decretos de Napoleón y su hermano José, distribuidos en dos partes y cincuenta capítulos y escritos por un español amante de su patria, y rey desde primeros de febrero de 1809 hasta fines del mismo año. -Madrid. Imprenta de Ibarra. 1814.

He aquí, pues, para los españoles, a *Don Quijote* identificado a Napoleón o, mejor dicho, al revés. Y este último repleto de ideas absurdas, burlescas, risibles, tal como el autor se figuraba, por entonces, al bueno de Alfonso Quijano. Este parecer debió ser compartido por la mayoría de los españoles de su tiempo.

¿Qué absurdos, qué arbitrariedades llevan al anónimo autor a este parangón? Veamos algunos: «Después que Napoleon vino a Madrid quitó enteramente la inquisición y, conforme su política, aprobó y protegió las demás sectas, ya se principió a notar una libertad represible de hablar acerca de algunas prácticas de nuestra santa religión y sus ministros» (T. 8, página 211). « ¡ A tal grado de prostitución y miseria llega el hombre cuando se abandona a sus propias pasiones y cierra los ojos y oídos a la luz, y a los invariables ecos de la fe cristiana, de la revelación...! » (T. 8, pág. 208). Acaba la obra con «estas líneas que nos dexó escritas el señor Solórzano:

> Sujetarse el magistrado
> a lo que manda la ley:
> obedecer siempre al rey
> con ánimo designado;
> sus decretos con agrado
> poner en execución:
> cumplir con su obligación,
> y ser quien replique menos;
> de los ciudadanos buenos
> estas las señales son.»
> (T. 8, pág. 243).

Esta definición del ciudadano ideal es la composición exacta de lo que *Don Quijote* ha venido a ser en nuestra mente gracias a las nuevas luces que en Fielding pueden hallar su fuente primera, pero no única. La grandeza de *Don Quijote* nacerá de todas las tierras europeas bañadas con las «luces». Y no se crea que nuestro desconocido autor –el del libro antes citado- sea un oscurantista a machacamartillo. No hay tal; en los capítulos correspondientes pide que a su deseada vuelta Fernando VII acabe con latifundios y

«establezca en las venideras cortes y constitución, como ley inviolable, que ningún grande o título haya de tener más que tantas rentas estables, que para el cupo o lleno de éstas elija las dehesas, cotos o rentas de los lugares o villas que quiera, y todo lo que sobrare, singularmente de los diezmos que antes percibían, se distribuya indefectiblemente a los pobres de los lugares donde se sacaba». Propone que se aminoren las pensiones de los arriendos, que la tierra no se pueda quitar a sus trabajadores, «en el caso de una absoluta insolvencia, y después de un crecido número de años, por manera que el colono y aun sus hijos mirasen aquellos terrenos como propiedad suya y, por tanto, se esmerasen en su cultivo y beneficio».

En capítulos anteriores dice que «ha procurado probar que tres cosas solas más que todas las otras juntas han contribuido a poner la España en estado tan miserable, a saber: las tropas regladas y guerras continuadas, el desarreglo de costumbres que es consiguiente a ellas y la enorme desigualdad de propiedades que hay en la mayor parte de los vasallos; pues yo calculo que de los diez millones que poco más o menos tendrá la España, los seis son infelices jornaleros o meros arrendadores de aquellas mismas tierras que vendieron en la necesidad o carestía. Para compensar, pues, alguna parte de éstos, es necesario que los grandes y demás señores contribuyan para la suya» (T. 3 págs. 148, 149, 150).

Las cosas nunca son tan sencillas como parecen, y este buen hombre –el autor tan citado-, de ideas revueltas, y que seguramente, años más tarde, si es que continuaba con las mismas, debió acabar en la cárcel o en el exilio; este hombre, patriota y sin duda ilustrado, tenía a *Don Quijote* por un pobre diablo, iluso, puro pelele –petate le llama en cierta ocasión-. Todavía no habían llegado los tiempos en que *Don Quijote* representara para todos nosotros la hermosura del luchador. Iba a dárselo el romanticismo, iba a dárselo la formación de las últimas nacionalidades, iba a dárselo las guerras de independencia, la guerra justa que él encarna como nadie.

Si la paz se enseñorea sobre la tierra, seguramente veremos otros *Don Quijote* personificando nuevos valores. Este es el mejor galardón de la inmortalidad: cobrar el color de los tiempos presentes.

Aub, Max. «Algunos Quijotes». *España y la Paz*, México, Noviembre 1955. (p. 8). Y reproducido en *Pruebas. Madrid*, Ciencia Nueva, 1967. (pp. 157-162).

He aquí, pues, para los españoles, a *Don Quijote* identificado a Napoleón o, mejor dicho, al revés.

Y este último repleto de ideas absurdas, burlescas, risibles, tal como el autor se figuraba, por entonces, al bueno de Alfonso Quijano. Este parecer debió ser compartido por la mayoría de los españoles de su tiempo.

Miguel de Unamuno en París durante su exilio en 1925 (BNF).

MIGUEL DE UNAMUNO

Sobre el quijotismo de Cervantes

En mi obra Vida de Don Quijote y Sancho, según Miguel de Cervantes Saavedra, explicada y comentada, exageré acaso por vía de paradoja y para mejor revelar el idealismo que la informa, mi culto a Don Quijote a expensas de Cervantes. Era mi objeto mostrar que lo real, lo duradero, lo eterno, es la obra de uno. El mismo Cervantes comentó lo de que cada uno es hijo de sus obras, y así podemos decir que más bien que Don Quijote es hijo de Cervantes, Cervantes es hijo de Don Quijote. Llevado por aquel sentido quise prescindir de todo lo que en el Quijote no es Don Quijote y los que le completan, de todo lo que en ese libro no es quijotismo. Y, desde luego, de todo lo que en él es pura literatura, que es a lo que de ordinario se agarran los puros literatos, los de la letra, los que no llegan al espíritu. Quise reaccionar contra la estúpida exégesis de los masoretas de nuestro cervantismo, por muy eruditos que ellos sean. Y es que adivinaba en el fondo de estos hombres nefastos un repuesto de antiquijotismo, una suerte de horror a la obra del Caballero de la Triste Figura. Son ellos, y no Cervantes, quienes se burlan de Don Quijote.

Llevado de aquel sentido, pasé por alto los prólogos y las dedicatorias del Quijote, y no quise detenerme donde presumía que Cervantes nos iba a hablar de sí mismo o de su obra como obra literaria, pero no de Don Quijote y de la obra de éste. Y salté aquellas tan conocidas palabras que en el prólogo al lector de la Segunda Parte nos dice sobre su manquedad Cervantes:

"Lo que no he podido dejar de sentir es que se me note de viejo y de manco, como si hubiera sido en mi mano haber detenido el tiempo, que no pasase por mí, o si mi manquedad hubiera nacido en alguna taberna, sino en la más alta ocasión que vieron los siglos pasados, los presentes, ni esperan ver los venideros. Si mis heridas no resplandecen en los ojos de quien las mira, son estimadas a lo menos en la estimación de los que saben dónde se cobraron; que el soldado más bien parece muerto en la batalla que libre en la fuga; y es esto en mí de manera que, si ahora me propusieran y facilitaran un imposible, quisiera antes

haberme hallado en aquella facción prodigiosa que sano ahora de mis heridas sin haberme hallado en ella. Lo que el soldado muestra en el rostro y en los pechos estrellas son que guían a los demás al cielo de la honra, y al de desear la justa alabanza; y hase de advertir que no se escribe con las canas, sino con el entendimiento, el cual suele mejorarse con los años".

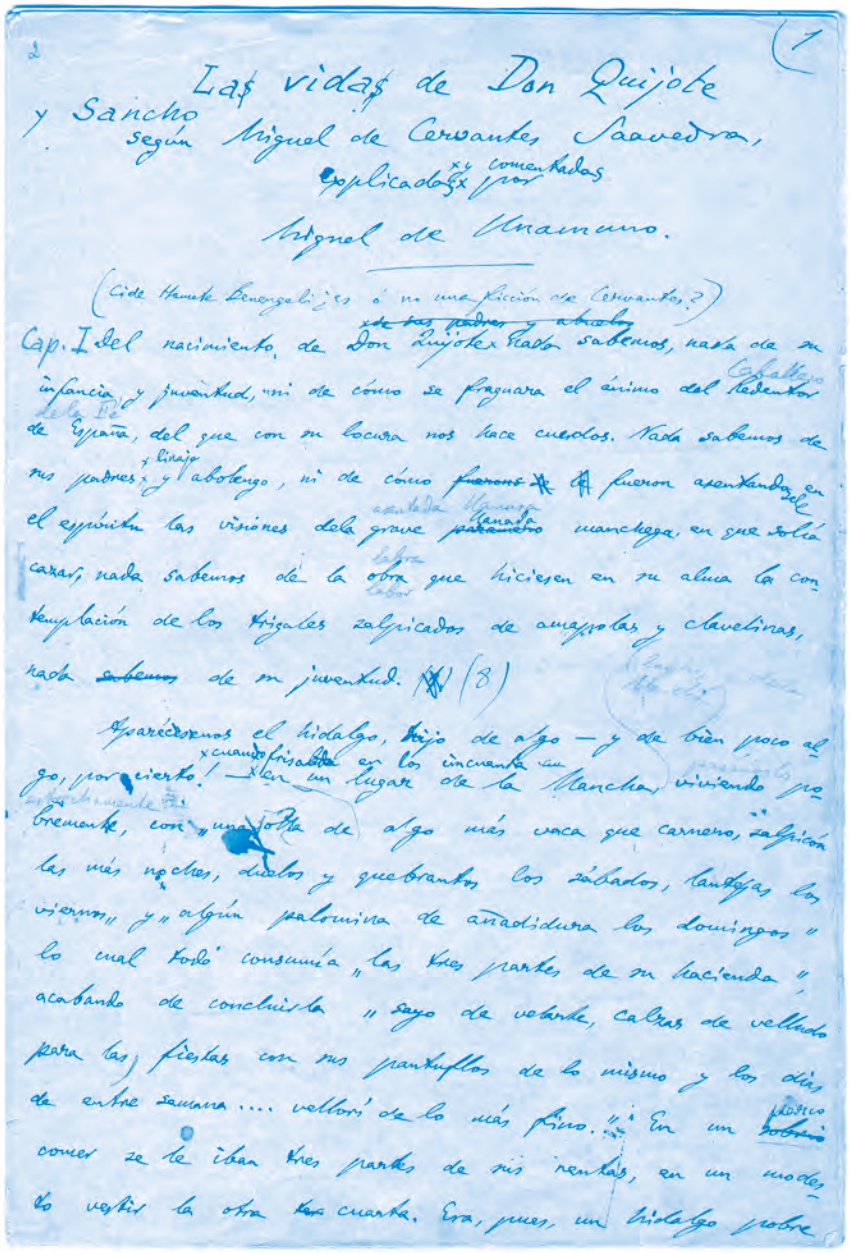
Al volver a leer esto ocúrreseme pensar, en primer lugar, que si Cervantes, en vez de haberse quedado manco, se hubiese quedado muerto en la más alta ocasión que vieron los siglos pasados, los presentes, ni esperan ver los venideros, seguramente que no nos habría descubierto y contado la vida de Don Quijote, salvando así, con su nombre, su alma en el alma de España, pero habría salvado su alma, incorporándola al alma de España, en aquella memorable hazaña histórica. Aunque anónimo Cervantes, héroe siempre, habría salvado su alma en el alma de su patria. En aquella altísima ocasión, en la batalla de Lepanto, España opuso un dique a los avances del Gran Turco y cerró el occidente de Europa a la barbarie de ese pueblo, enemigo de la cultura cristiana, que lucha hoy, en los momentos en que esto escribo, bajo las banderas del Imperio germánico. Luchando contra los turcos fue como Cervantes se capacitó para descubrirnos a Don Quijote.

Y ocúrreseme a las mientes esto ahora en que una buena parte de los españoles están turquizados o aturcados y se regocijan de los triunfos, reales o supuestos, de esos descendientes de los bárbaros a quienes venció en Lepanto Don Quijote y se duelen de sus derrotas, también reales o supuestas. Y si a Don Quijote le preguntáramos su parecer y sentencia en la contienda que hoy desvela a Europa, estoy seguro de que nos contestaría al punto: "¿De qué parte está el Gran Turco? Pues de esa están la sinrazón y la felonía."

Yo, hablando de nuestros encallecidos creyentes españoles, dije alguna vez que seguían al Corán de Cristo. Y así es la verdad. Han hecho del Evangelio un Corán. Es decir, han deshecho el Evangelio y sólo de nombre rinden a Cristo culto. Son islamitas, y nada más que islamitas. Su modo de invocar a Dios, al Dios de las batallas y de la venganza, es el mismo con que le invoca el káiser: un modo islamítico. Y en todo caso de Antiguo que no de Nuevo Testamento. Es un modo pre-cristiano. O post-cristiano.

La similitud de la opinión de una buena parte de la sociedad española con la opinión de la clase dirigente de Turquía es cosa que sorprende, es decir, ¡clase dirigente, no!, sino clase dirigida. Hasta en el Consejo de Ministros de la desgraciada Turquía de hoy han entrado como consejeros dos extranjeros: dos alemanes.

Nuestro Señor Don Quijote, tan disciplinado y sumiso a su



(1)

Las vidas de Don Quijote y Sancho según Miguel de Cervantes Saavedra, explicadas y comentadas por Miguel de Unamuno.

(Cide Hamete Benengeli ¿es ó no una ficción de Cervantes?)

Cap. I Del nacimiento de Don Quijote nada sabemos, nada de su infancia y juventud, ni de cómo se fraguara el ánimo del Redentor de España, del que con su locura nos hace cuerdos. Nada sabemos de sus padres y linaje y abolengo, ni de cómo fueron asentando en el espíritu las visiones de la grave llanada manchega, en que solía cazar, nada sabemos de la obra que hiciesen en su alma la contemplación de los trigales salpicados de amapolas y clavelinas, nada de su juventud. (8)

Aparécesenos el hidalgo, hijo de algo — y de bien poco algo, por cierto! — cuando frisaba en los cincuenta en un lugar de la Mancha, viviendo pobremente, con „una olla de algo más vaca que carnero, salpicón las más noches, duelos y quebrantos los sábados, lantejas los viernes„ y „algún palomina de añadidura los domingos„ lo cual todo consumía „las tres partes de su hacienda„, acabando de concluirla „sayo de velarte, calzas de velludo para las fiestas con sus pantuflos de lo mismo y los días de entre semana .... vellorí de lo más fino.„ En un pasco comer se le iban tres partes de sus rentas, en un modesto vestir la otra cuarta. Era, pues, un hidalgo pobre

Borrador manuscrito autógrafo de la "Vida de Don Quijote y Sancho" (CMU).

Unamuno caracterizado como don Quijote (CMU).

ideal, tan obediente a los que con amor le mandaban, jamás se prestó a potestades imperiales ni menos despreció la libre voluntad del pueblo. Hay quien le ha llamado anarquista por todo lo que hizo y dijo cuando dio libertad a los galeotes. ¡Bendito anarquismo el suyo! Y Cervantes, que había peleado por la cultura cristiana en Lepanto, contra los bárbaros turcos, y que fue después cautivo de ellos, pudo comprender mejor que nadie las razones por las que Don Quijote libertó a los galeotes. Sabía muy bien que la prisión no es patria del prisionero. Y Cervantes, como Don Quijote, quería que el hombre tenga patria, porque sabía que, sin patria, sin historia, el hombre no es hombre, sino un animal prehistórico. Tal el turco.

Tal el turco y tales los aturcados que. Sintiéndose cuadrilleros de la Santa Hermandad, sólo se cuidan de pedir que se les ponga esposas y grilletes a los Ginesillos, y piden también que se le prenda y se le encarcele y se le castigue a Don Quijote por haberlos libertado.

El Quijote fue descubierto en una cárcel, que no era la patria del encarcelado Cervantes, y cuando éste acaso soñara en la patria, en aquella que sintió su patria cuando le llevó a pelear el Gran Turco. Si entonces España hubiera permanecido neutral, o si Cervantes se hubiese mantenido tal en aquella la más alta ocasión que vieron los siglos pasados, los presentes, ni esperan ver los venideros, no tendríamos hoy el Evangelio español del Quijote. Don Quijote nació en Lepanto y no en el oscuro lugar de La Mancha, pero su alma vino a encarnar en él desde la batalla de Lepanto, donde nació de las entrañas de España, de las entrañas de la patria, conmovidas al luchar contra el Gran Turco, contra los bárbaros servidores del Corán y del Soldanado. Mas dicen los cuadrilleros que el Corán y el Soldanado son el orden y la disciplina y la seguridad del goce.

Nuevo Mundo, Madrid, 13, II, 1915

Dibujo de M. de Unamuno para la portada de su libro "Vida de Don Quijote y Sancho" (CMU).

Armando Palacio Valdés

PALACIO VALDÉS

En 1929, cuando la vida de Armando Palacio Valdés está llegando a su fin y el propio escritor lo intuye, escribe su *Testamento literario*[1], un libro de reflexiones diversas en el que recopila las ideas literarias que ha ido vertiendo a lo largo de su carrera y en el que puede leerse lo que entiendo es un resumen de sus preferencias como lector empedernido que fuera:

> ¡Cuánto placer inefable he gustado leyendo la *Iliada* y la *Odisea*, las odas de Horacio, las églogas de Virgilio, el *Quijote*, los dramas de Shakespeare, las *Confesiones* de Rousseau, las poesías de Musset y Espronceda, las novelas de Goethe, de Walter Scott y de Dickens![2]

Ahí vemos, junto a grandes maestros internacionales, a Cervantes —y más concretamente su obra irrenunciable, el *Quijote*— y a Espronceda, dos de sus grandes pasiones literarias. Así como la de José de Espronceda no la oculta nunca[3], tampoco lo hace con Cervantes. Este 'testamento literario' está plagado de referencias a Cervantes y al *Quijote*, unas veces para mostrar su admiración, como en la cita que he elegido anteriormente, otras para ejemplificar algún aspecto de su perspectiva literaria y muchas otras para unirlo a los grandes nombres de la literatura universal. Años antes, en 1889, Palacio Valdés había publicado *La hermana San Sulpicio* cuando nuestro autor estaba en plena efervescencia creadora. Había publicado ya gran parte de sus obras y se aprestaba a dar el salto a una nueva etapa, que pudiera comenzar en este 1889, con esta novela, *La hermana San Sulpicio*, quizás la más popular de las suyas, reeditada en múltiples ocasiones y llevada al cine en cuatro momentos.

---

[1] Armando Palacio Valdés, *Testamento literario*, Madrid. Librería de Victoriano Suárez, 1929.
[2] *Ibidem*, pág. 196.
[3] De Espronceda diría, entre otras muchas menciones, en su libro de memorias *La novela de un novelista*: "Ningún poeta causó en mí impresión más honda y duradera" o que "Espronceda permanece siempre en el altar que le he erigido" y "el español más inspirado que ha nacido en el siglo XIX." *Vid*. Armando Palacio Valdés, *La novela de un novelista*, Laviana, 2005, edición de Francisco Trinidad, pág. 294.

Esta obra se inicia con un prólogo muy extenso, de 78 páginas, en el que resume sus ideas literarias en aquel tiempo y en el que, una vez más, expresa su devoción por la obra cumbre de Cervantes:

> Cervantes escribió una novela de argumento simplicísimo, sin falsear poco ni mucho el curso natural y lógico de los sucesos. Esta novela, que se llama el *Quijote* es *quizá la obra literaria más portentosa que ha creado el ingenio humano*.[4]

Y para acentuar las dimensiones de este 'portento' elegirá años después una comparación que a sus contemporáneos no les pasaría desapercibida y que a los lectores de hoy puede servirles como contrapunto de este entusiasmo cervantino:

> La fecundidad, fatalmente se desarrolla a expensas de la calidad. No son los maestros del género humano los que han escrito muchos libros, sino los que han escrito uno solo. Porque la verdadera fecundidad en la literatura no consiste en el número de libros que se escriban, sino en que estos libros fecunden el espíritu humano y lo embellezcan. El escritor más fecundo que tenemos en España no es Lope de Vega, sino Cervantes.[5]

Ahora bien, esta fidelidad cervantina de Palacio Valdés no se detiene en citas y menciones similares a las anteriores, sino que va más allá, hasta el punto de que hizo suyo el realismo de estirpe y raigambre más españolas y se enfrentó a la realidad a través del punto de vista del humorismo, tomando como modelo la obra del escritor madrileño. Efectivamente, un simple acercamiento a sus obras nos descubriría la vocación cervantina de Palacio Valdés, que no es ajeno a recursos y estrategias narrativas que lo emparentan inequívocamente con el autor de *El Quijote*, como se desprende abiertamente, y entre otros, de dos de sus libros ya citados, *La novela de un novelista* (1921) y *Testamento literario* (1929), obras en las que, al hilo de lecturas y recuerdos literarios, aparecen con frecuencia menciones tanto a *El Quijote* como a su autor desde distintos ángulos y perspectivas, según vengo reflejando; ángulos y perspectivas que no hacen sino acentuar el débito realista que los emparenta.

Aunque quizás donde más abiertamente queda proyectado este acercamiento es en su concepción del realismo frente

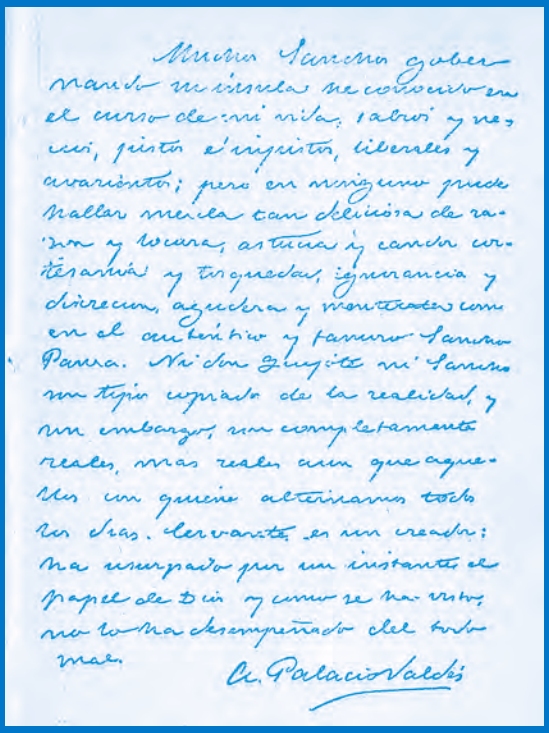
[4] Armando Palacio Valdés, "Prólogo" a *La hermana San Sulpicio*, Madrid: Tipografía de Manuel G. Hernández, 1889, pág. XLVII. El subrayado es mío.
[5] A. Palacio Valdés, *Testamento literario*, cit., pág. 231.

a la implantación del naturalismo, tan pujante en los años finales del siglo XIX. El propio Palacio Valdés sintió la tentación naturalista y algunas de sus obras pueden adscribirse directamente a esta corriente importada de Francia: obras como *La espuma* (1890) o *El Maestrante* (1893) pueden incluirse en esta forma narrativa, así como escenas y momentos de otras obras, razón por la cual muchos críticos e historiadores de la literatura han adscrito a nuestro autor al naturalismo, aunque algunos, los que más apropiadamente lo han estudiado, hablan de un "naturalismo matizado". Y los matices podrían ser muchos, aunque el mismo don Armando se ha ocupado de dejar bastante clara la cuestión.

Ya en los inicios de su carrera literaria Palacio Valdés discute la trascendencia novelesca del naturalismo, en pleno 1883, año de la publicación de *La cuestión palpitante*, de doña Emilia Pardo Bazán, que seguramente le habría tirado de las orejas literarias por el siguiente párrafo, incluido en el prólogo a su segunda novela, *Marta y María*:

> Sé que el realismo —actualmente llamado naturalismo— tiene muchos adeptos inconscientes, quienes suponen que sólo existe la verdad en los hechos vulgares de la existencia y que sólo estos son los que deben ser traducidos al arte. Por fortuna no es así. Fuera de los mercados, los desvanes y las alcantarillas existe también la verdad. El mismo apóstol del naturalismo, Emilio Zola, lo reconoce pintando escenas de acabada y sublime poesía, que riñen ciertamente con sus exageradas teorías estéticas.[6]
>
> Claro que, en 1889, en el prólogo ya citado a *La hermana San Sulpicio*, ya no menciona esta sinonimia realismo/naturalismo sino que da un paso más y lo rebaja a una "forma particular del Arte en la época presente" y lo adscribe únicamente a las lindes de la literatura francesa:
>
> Confundir el realismo, forma particular del Arte en la época presente, con el llamado naturalismo francés, equivale a confundir el todo con la parte. Porque el naturalismo no es otra cosa que una especie de realismo determinista y pesimista. Éstas son las notas que le caracterizan y le separan de otras formas realistas que la literatura afecta hoy y ha afectado en épocas pasadas; pues ya hemos dicho que las formas particulares del Arte coexisten en la historia, y sólo por el predominio de una u otra se califican, Nadie puede dudar que el *Dafnis y Cloe*

[6] Armando Palacio Valdés, *Marta y María*, Barcelona: Biblioteca "Arte y Letras", 1883, pág. I.



Texto autógrafo de Palacio Váldes sobre *El Quijote*.

Éstas son las notas que le caracterizan y le separan de otras formas realistas que la literatura afecta hoy y ha afectado en épocas pasadas

Casa natal de Armando Palacio Váldes en Entralgo, Laviana. Dibujo de Rodolfo García

de Longo, el *Quijote*, de Cervantes, el *Pan-tagruel, de* Rabelais, el *Gil Blas*, de Lessage, y otras muchas obras excelentes de los siglos pasados son realistas. Muy lejos está de mi ánimo el negar valor estético al moderno naturalismo, que ha producido y produce obras admirables. Como expresión de una época y de un estado determinado del espíritu es perfecta. Además, las ideas del determinismo y del pesimismo, aunque no son toda la verdad, guardan mucha parte de ella.[7]

[7] Prólogo a *La hermana San Sulpicio*, cit., pág. XXIX. Es curioso que el primer capítulo de esta novela, con grandes dosis de humor, describe el viaje del protagonista de Madrid a Sevilla, y al pasar por La Mancha salta inevitable el recuerdo de Cervantes: "Paró el tren. —"Argamasilla, cinco minutos de parada"—gritó una voz. Di un salto en el asiento y me apresuré a abrir la ventanilla, clavando mis ojos ansiosos en la oscuridad de la llanura. Aquel hombre había hecho dar un vuelco a mi corazón; era la patria del famoso Don Quijote de la Mancha; y aunque yo en mi calidad de poeta lírico he despreciado siempre a los novelistas por falta de ideal, todavía el nombre de Cervantes fascinaba mi espíritu por la gran fama de que goza en todo el universo. La negra silueta del pueblo dibujábase a lo lejos, y una torrecilla alzábase sobre él destacando su espadaña con precisión del fondo oscuro de la noche. ¡Pobre Cervantes! ¡Aquí fue preso y maltratado como el último comisionado del de apremio; en todas partes despreciado y humillado, cual si no hubiese tropezado en el curso de su vida más que con poetas líricos!". Recuérdese que el narrador y protagonista de la novela, Ceferino Sanjurjo, se presenta como poeta.

Son muchas otras las páginas en que a lo largo de este prólogo Palacio Valdés vuelve una y otra vez al tema del naturalismo, que es evidentemente su *leit-motiv*, aunque por la cita elegida, y por otras varias que pudieran traerse a colación, puede colegirse el arraigo cervantino que las impregna y que puede rastrearse en su concepción del género novelesco, basado en el estudio de los caracteres o personajes, de las descripciones e incluso del desenlace, del que llega a decir que "conviene también que el desenlace no sea, por ningún concepto, obra del azar, sino efecto y resultado del pensamiento generador de la obra, manifestándose por un rasgo peculiar del carácter principal o por otro medio cualquiera." Analizando estas características del arte narrativo, diría en una de sus semblanzas que "Cervantes [las] llevó al más alto grado de perfección"[8].

Esta defensa del realismo y aversión al naturalismo, aunque haya participado de algunos de sus presupuestos en varias de sus obras, la lleva hasta sus días finales. Así, en las cuartillas que estaba escribiendo en los días previos a su fallecimiento, vuelve a la misma idea, una vez más avalada por la cita de Cervantes:

> Los escritores naturalistas estudian y describen la vida y costumbres de la bestia humana, esto es, de los hombres que aún se encuentran en el primer peldaño de la escala espiritual.
>
> Es un arte legítimo como lo es el de las pinturas de animales. Pero así como nadie se atreverá a compara un pintor de animales, por hábil que sea, con Rafael, Miguel Ángel o Tiziano, tampoco nadie osará poner en parangón a un escritor naturalista, por extremado que sea su talento, con Dante, Shakespeare o Cervantes.[9]

No extraña, pues, que ante esta devoción de Palacio Valdés por Cervantes, que aparece y reaparece continuamente en sus obras, los medios de comunicación requirieran su opinión en diversas ocasiones, como en 1915, ante el Centenario de Cervantes. El diario *La Tribuna* le pregunta sobre los actos que pudieran realizarse en dicho centenario, y la respuesta de Palacio Valdés, que se mueve entre la utopía y la ingenuidad, puede resultar paradójica:

---

[8] Armando Palacio Valdés, semblanza de D. Juan Valera, en *Semblanzas literarias*, Madrid: Librería de Victoriano Suárez, 1908, pág. 157.

[9] Armando Palacio Valdés, *Pensamientos*, Laviana: Asociación de Amigos de Palacio Valdés, 2012, pág. 59. Estos 'pensamientos', que permanecieron inéditos en el archivo familiar hasta su edición en 2012, fue lo último que escribió en vida don Armando.

"Por eso, respondiendo a la pregunta que "La Tribuna" me dirige por conducto de su redactor D. Miguel de Castro, "¿qué cree usted debiera hacerse para conmemorar con mayor esplendor en España y América el Centenario de Cervantes?", propongo lo siguiente:
Todos los años, en el aniversario de Cervantes, los señores maestros y maestras, profesores y profesoras de todas las escuelas, colegios y particulares e instituciones oficiales de enseñanza, invitarán a sus discípulos y discípulas a depositar cinco céntimos para aliviar las necesidades de los que en España se dedican al cultivo de las letras. Si no me engaño, pudiera recaudarse fácilmente un millón de perras chicas. Estas 50.000 pesetas se repartirían equitativamente entre los escritores de reconocido prestigio y que sufran una "honrada" pobreza, y podrían denominarse "el dinero de Cervantes", a imitación del "dinero de San Pedro", que se recauda en toda la cristiandad para alivio de las necesidades del Sumo Pontífice.
El resultado material sería pequeño, pero el efecto moral muy grande. Porque los señores maestros y profesores se encargarían de explicar a sus discípulos y discípulas que aquellos cinco céntimos se dedican a los escritores pobres, en recuerdo de un hombre que siendo el más grande entre los españoles, vivió y murió en la miseria.
No se trata de una limosna, sino de un símbolo. La actitud de los españoles respecto a las letras no ha cambiado mucho desde los buenos tiempos del conde de Lemos. Es menester acostumbrarlos a honrarlas, a ver en ellas la gloria legítima de la nación; es menester que ésta se arrepienta siempre de lo que ha hecho con Cervantes. Los cinco céntimos entregados serán el símbolo de nuestro arrepentimiento.
¿Por qué me dirijo a los niños en este caso? Porque de los adultos se puede esperar poco; su mentalidad cambia difícilmente. Porque los viejos volvemos amorosamente nuestros ojos a la infancia, pensando que de ella vendrá la salvación del mundo. "Nosotros no hemos podido mejorarlo —les decimos—. Acaso vosotros logréis hacerlo más noble y feliz."
¿Acaso solamente?
Sí; acaso solamente, porque no estoy seguro de ello."[10]

[10] Aunque no he podido localizar el original de La Tribuna, su respuesta fue reproducida días más tarde por *El País*, 13 de octubre de 1915, y *La correspondencia de España*, 14 de octubre de 1915, en una información posiblemente de agencia pues son idénticas en todo.

Y años más tarde es preciso mencionar una aportación al conocimiento de la obra de Cervantes en la que Palacio Valdés habla abiertamente del maestro. En noviembre de 1919, la colección de "La novela corta", que tanto hiciera por la divulgación de la narrativa del siglo XIX, dedicó uno de sus números a *El Quijote* con el objeto de rendir "tributo al genio del primero de los prosistas castellanos de nuestro siglo de oro, Cervantes, cuya obra inmortal personifica todo el carácter hidalgo y soñador, heroico y aventurero de nuestra raza". Dedica 56 páginas a editar doce capítulos del *Quijote* seleccionados por el eminente cervantista, don Francisco Rodríguez Marín, director de la Biblioteca Nacional y miembro de la Real Academia Española. Cada uno de los capítulos se acompaña de juicios autógrafos especialmente escritos para la ocasión por los escritores más destacados del momento: Eugenio Sellés, Emilia Pardo Bazán, Ortega Munilla, Antonio Maura, los hermanos Álvarez Quintero, Cristóbal de Castro, Linares Rivas, Azorín, Jacinto Benavente, Pérez Galdós, el propio Rodríguez Marín y, por supuesto, Armando Palacio Valdés, cuyo autógrafo figura en el capítulo XLVIII de la segunda parte, titulado "De lo que sucedió a Don Quijote con doña Rodríguez la dueña de la duquesa, con otros acontecimientos dignos de escritura y de memoria eterna".
La opinión de Palacio Valdés es un comentario general, no ceñido expresamente a este capítulo, y se cierra con una llamada al carácter creativo de su autor:

> Muchos Sanchos gobernando su ínsula he conocido en el curso de mi vida, sabios y necios, justos e injustos, liberales y avarientos; pero en ninguno pude hallar mezcla tan deliciosa de razón y locura, astucia y candor, cortesanía y tosquedad, ignorancia y discreción, agudeza y mentecatez como en el auténtico y famoso Sancho Panza. Ni don Quijote ni Sancho son tipos copiados de la realidad y, sin embargo, son completamente reales, más reales aun que aquellos con quienes alternamos todos los días. Cervantes es un creador: ha usurpado por un instante el papel de Dios y, como se ha visto, no lo ha desempeñado del todo mal.
>
> A. Palacio Valdés

Con esta llamada al poder creativo de Cervantes, Palacio Valdés nos enfrenta una vez más a *El Quijote*, esa obra gigante que describe un mundo y que nos lo muestra a través del prisma deformador de su protagonista, un hidalgo manchego, trastornado por la lectura de libros de

caballerías, que se empeña en ver la realidad no tal cual es, sino del modo en que se adapta a la visión fantástica de los libros que dieron origen a su desvarío. Una obra que, como hemos visto al principio, está entre sus predilectas.

Francisco Trinidad
Asociación de Amigos de Palacio Valdés

[1] Los artículos que transcribimos han sido publicados en *Anales galdosianos*, año VI, 1971, pp. 99-105. Es una transcripción realizada por Peter B. Goldman de los artículos que Benito Pérez Galdós escribió para *La Nación* (23 de abril de 1868) con el título: "Cervantes I".

PÉREZ GALDÓS [1]

Cervantes

I

En 19 de abril de 1616 escribía Cervantes a su protector el conde de Lemus una carta concisa y melancólica, donde se nos muestra la grandeza y elevación de aquel nobilísimo espíritu, que no por ser tan inclinado a las gracias y a la discreta malicia, dejaba de ser el más tenaz y valeroso para sufrir los frecuentes castigos de la suerte, el más cortés y agradecido para corresponder a los sentimientos de sus semejantes, siendo generoso con los enemigos, pródigo en gratitudes con los que se habían dignado darle amistad y protección.

El 23 de abril murió en su casa de la calle [del] León, esquina a la de Francos. Fue enterrado en el vecino convento de las Trinitarias, después de unas exequias modestísimas, como correspondía a un literato de aquel tiempo, militar estropeado y pobre de solemnidad.

Los años han pasado después ante aquella casa y sobre aquella tumba, confundida en el lecho común de todos los pobres del vecindario; y mientras se fortalece y aviva cada vez más en todo el mundo la memoria de aquel hombre incomparable, España, que debiera conservar, al par [que] su portentoso libro, su casa y su sepulcro, ha permitido que hayan llegado a confundirse en el revuelto osario de un cementerio las cenizas de quien fue *honor y delicias del linaje humano*; que su vivienda, bárbaramente demolida en 1833, se halle trocada hoy en uno de esos modernos habitáculos de ladrillo con dos o tres filas de troneras o balcones, en una casa de vecindad. En la puerta de aquel triste edificio de hoy han puesto una lápida fastidiosa, con un medallón simple, exornado con un casco griego, un escudo, un tintero, una inscripción y otros amanerados objetos de quincallería monumental.

Un hombre insigne, el excelente patricio D. Manuel Fernández Valera, Comisario general de Cruzada, costeó de su bolsillo una estatua, que esculpió Sola. Este monumento, que hoy adorna el triste jardín de la plazuela de las Cortes, es gran cosa como obra del dinero de un particular; pero

es miserable e indigno como testimonio de la nación y de la capital en que se ha erigido. La estatua es buena, pero muy pequeña; el pedestal es mezquino, y tan poco monumental, que a no ser por la [notable] efigie que sustenta, no le envidiaría el más grosero guardacartón. Toda esta [mezquindad] es debida a la generosidad y patriotismo de un particular, y bajo este punto de vista merece elogio; pero si consideramos que la capital de España no ha consagrado a la memoria de Cervantes otro monumento que aquella sencilla ofrenda de un aficionado a las letras, la tal estatua y el tal pedestal merecen más vituperio que alabanzas. Cenizas que la perspicaz anatomía moderna no puede entresacar en la multitud de osamentas que los conventos entregaron a los cementerios; una casa, madriguera o albergue de muchos; una puerta coronada por una lápida, una inscripción y otras baratijas; una estatua verde que campea en un verde huertecillo con cuatro matas verdimustias y algunos palmos cuadrados de forraje en forma de césped; he aquí los recuerdos materiales que Madrid posee para memoria y honra de aquel hombre que honró tanto a su patria y a su siglo.

Cuando examinamos ciertas épocas de la Historia, vemos que casi siempre van unidos el apogeo de una nación y la gloria de un hombre, el primero entre todos, el más celebrado después; hombre que se presenta como la expresión individual de su época, que parece reflejarla y compendiarla, siendo su guía o su retrato, su lumbrera o su expresión. Ninguno como Cervantes simboliza en una persona el apogeo de España en la segunda mitad del siglo XVI, apogeo puramente militar y literario. Soldado, asistió a la más alta *ocasión que vieron los siglos pasados ni esperan ver los venideros*; fue a mutilarse a aquellas gloriosas aguas de Lepanto, donde España salvó a la cristiandad y a la Europa. Escritor, produjo la sublime fábula que comprende y resume todos los elementos poéticos de las letras castellanas; que contiene el apólogo social e histórico de más trascendencia e intención que ha producido la fantasía; que consagra y establece las formas más expresivas de la lengua.

Aquel siglo de aventuras militares, interrumpidas tan solo para dar solaz al espíritu con el cultivo de la más amena poesía, para urdir las inocentes tramas del galanteo, o aplaudir la representación del auto, de la comedia, o de la loa, tiene una expresión exactísima en la obra de Cervantes y en su vida; en su vida, esa otra serie de *aventuras sin ventura*, en que aquel espíritu superior tuvo que habérselas con tantos tragos, con tantos encantadores, con los horrendos e invulnerables vestigios de una sociedad que no le comprendía ni le sustentaba; de un Estado que le mandó

a la guerra y no le rescató del cautiverio; de un envidioso Avellaneda, que le llenó de vejámenes y quiso obscurecerle remedándole indignamente. *Don Quijote*, queriendo arreglar todos los entuertos del mundo con su nunca vencida espada; Cervantes, muriéndose de hambre mientras atesoraba las más ricas facultades intelectuales que caben en nuestra naturaleza, nos dan la medida fiel del estado social de España de entonces, demasiado emprendedora, más por afán de gloria que por bien de propios y extraños; demasiado espiritualista, de más imaginación que cálculo; más inclinada a los bellos éxtasis de la gloria que a las ocupaciones prácticas de su vida interior; sublime soñadora; más amante de ser respetada y temida fuera, que de ser rica y feliz en casa; grande por la creación y el valor; loca con esa hermosísima y disculpable denuncia de la juventud y del genio; embellecida y afeada a la par con todos los extravíos y virtudes que son atributo de los héroes y de los poetas.
No pretendemos reseñar la vida de Cervantes. Esta es tarea larga, que no cabe en las dimensiones de un artículo. Diremos tan solo que hay en la Historia pocos estudios tan interesantes y útiles como la vida de aquel inmortal ingenio; ni es posible que hombre alguno de los que más han honrado nuestro linaje, ofrezca en su vida [material] más rica, tanto para el conocimiento de una sociedad y un carácter determinados, como para el conocimiento absoluto de la sociedad y del hombre.
Dieciseis años contaba el siglo XVII cuando dejó la tierra aquel grande espíritu. ¿No fue la primera década de aquel siglo el tiempo en que más se repitieron los síntomas de la decadencia política en España? La ruina venía desde atrás, pero al morir Felipe II, dos años antes de concluirse el gran siglo de la preponderancia española, aún los secretos males de la monarquía no habían presentado tristísimas señales exteriores, como sucedió algo después. Se presentía el descenso: no estaba lejos la jaula encantada que había de traer encerrados a todos aquellos andantes. Pero antes de morir Felipe II decía tristemente al considerar la ineptitud de su hijo: "*Me temo que éste, más es para ser gobernado que para gobernar*".
Y, en efecto, los barruntos del Escurialense se cumplen, pero después de su muerte. Con el siglo XVII entra el favoritismo; sustituyen a los consejos las camarillas; se inaugura esa serie funesta de privados, que no han dejado de asolar a España hasta principios del presente siglo. A la muerte de Cervantes la decadencia era ya tan notoria, que la conocían casi todos los escritores sensatos de la época, aunque pocos lo manifestaban. En 1616, todos los espíritus observadores e imparciales comprendían nuestra ruina, ruina pronta, [elaborada en una especie de explosión], en

una serie de desventuras no interrumpidas, de males sin número, de esos que vienen *pisándose la cola unos a otros*, según la expresión feliz del poeta inglés.
Nueve años antes de la época en que nos hemos fijado, llevaba a cabo Felipe III la más ignominiosa, absurda e inhumana medida que ha podido adoptar monarca alguno, la expulsión de los moriscos. Esto solo hubiera bastado para hundirnos; en el primer año en que principió la expulsión, se ajustó la tregua de diez años con Holanda; esta tregua era una confesión tácita de debilidad, una prueba muy clara del quebrantamiento de nuestras fuerzas militares; con la tregua, las naciones empezaron a perdernos el miedo, y las provincias de Flandes comprendieron la posibilidad de su emancipación. No faltaban héroes todavía; porque esta tierra, aun después de extinguido su vigor, conservaba los gérmenes de aquella raza vencedora, que tuvo descendientes por muchos años después. Había grandes generales aún y soldados valerosos, pero el ejército se moría de hambre y desnudez en las tierras de Holanda y de Milán. Todo indicaba la proximidad de aquellas desventuras horribles, de aquellos encantamentos que se llamaron Rocroy, la insurrección de Nápoles, el levantamiento de Cataluña, la autonomía de Portugal, la emancipación de los Países Bajos.
Algunos años antes de 1616 se había ajustado el matrimonio de Luis XIII con una infanta española, de quien había de nacer nuestro *Caballero de la Blanca Luna* Luis XIV.
Las letras como las armas, [aún florecieron] mucho después de recibir la herida de muerte. ¡Tal era el vigor con que estaba arraigado en este pueblo el sentimiento de lo bello! Aún faltaba el teatro, que llegó a su cumbre en la vida de Calderón; y a pesar del mal gusto que cundía con gran rapidez, las dotes de imaginación e inventiva parecían cada vez mayores y más lozanas. En absoluto puede decirse que las letras entraron en un período de decadencia, una vez pasados los tres primeros lustros del siglo XVII. La novela picaresca perdía su pureza artística, sus excelencias de estilo con la muerte del *Príncipe de los ingenios* y con la de D. Diego Hurtado de Mendoza, acaecida muchos años antes. Resolvióse esta clase de composiciones en [las novelas de Quevedo *El Buscón*, en *El Entrometido*], en *Las Capitulaciones* y en *La hora de todos*, que si no iban en zaga a las anteriores en intención y riqueza de caracteres, las extendían en desvergüenza y desenvoltura, siendo muy inferiores en la dicción y en la belleza de lenguaje. A aquella narración pura y artística sucedía en manos de Quevedo una revuelta serie de agudezas sin fin, un hacinamiento interminable de dichos, equívocos, tropos obscenos y

frases más obscuras que duendes. Las dotes [creadas] no se habían perdido; pero sí el gusto, los hábitos de la composición, el discernimiento artístico, la armonía y el don de estilo. A los grandes líricos que Cervantes conoció en su edad viril, a los hombres como Herrera y Fray Luis de León sucedían el impertinente Villegas, el funesto Góngora y los Argensolas fríos y correctos, versificadores hábiles más que poetas inspirados. La poesía lírica, después de haber sido en su apogeo robusta, vigorosa, nacional y característica; después de haber cantado glorias españolas por boca de Herrera, y después de haberse elevado a la más alta contemplación mística en los cantos de Fray Luis de León, volvía a aquel amanerado italianismo por donde empezó, volvía a todas las impertinencias pastorales, o se hacía cortesana.

A las robustas octavas de Ercilla sucedían los madrigales insípidos, destinados a ser documento indispensable de todo galanteo. O se envilecía con los extraños atavíos y los dislates de una retórica desenfrenada, o se hacía falsa, insulsa y lánguida con las sutilezas de un amor discrepante ridículo, conceptuoso hasta la obscuridad. A la inspiración sucedió el concepto, ya mitológico, ya cortesano, siempre erudito e insoportable. Empezaba el imperio de los Góngoras y Villamedianas.

Miguel de Cervantes, «Entremés de la guarda cuidadosa»

En el año de 1616 y a 23 de abril, murió Miguel de Cervantes de una enfermedad del corazón. Para recordar aquella fecha y los tres siglos que hoy se cumplen, se hace la edición de este entremés de *La guarda cuidadosa*. Fue, sin duda, escrito para un público ingenuo, y representado por farsantes acaso más ingenuos, los farsantes de la corona de papel dorado y las barbas de estopa. En los niños revive siempre la ingenuidad de los siglos pasados, y para entender y alcanzar el encanto de las literaturas viejas, no hay cosa mejor que saber hacerse niño. Por conservar la virtud cristalina de este encanto, no lleva ahora notas, glosas ni apostillas el entremés de *La guarda cuidadosa*. Se imprime para los niños y ellos lo pueden entender mejor que los hombres.

Valle-Inclán

VALLE-INCLÁN

« He aquí un libro de juventud, un libro escrito en esa edad dichosa de sueños y de esperanzas. ¡Hoy esa edad se me parece ya casi lejana! Al releer estas páginas, que después de tantos años tenía casi olvidadas, he sentido en ellas no sé que alegre palpitar de vida, qué abrileña lozanía, qué gracioso borboteo de imágenes desusadas, ingenuas, atrevidas, detonantes.

Yo confieso mi amor de otro tiempo por esta literatura: La amé tanto como aborrecí esa otra, timorata y prudente, de algunos antiguos jóvenes que nunca supieron ayuntar dos palabras por primera vez, y de quienes su ruta fue siempre la eterna ruta, trillada por todos los carneros de Panurgo. Como aquellos viejos e ignorantes doctores de Salamanca, ni siquiera osan presumir que haya tierras desconocidas, adonde se llegue surcando mares nunca navegados. Amparándose en la gloriosa tradición del siglo XVII, se juzgan grandes sólo porque imitan a los grandes, y presumen que hicieron como ellos el divino Lope y el humano Cervantes. Cuando algunos espíritus juveniles buscan nuevas orientaciones, resuélvense invocando rancios y estériles preceptos. Incapaces de comprender que la vida y el arte son una eterna renovación, tienen por herejía todo aquello que no hayan consagrado tres siglos de rutina. Predican el respeto para ser respetados, pero la juventud desoye sus clamores, y hace bien. La juventud debe ser arrogante, violenta, apasionada, iconoclasta.

No haya de entenderse por eso que proclamo yo la desaparición y muerte de las letras clásicas, y la hoguera para los libros inmortales, no. Han sido tantas veces mis maestros, que como a nobles y viejos progenitores los reverencio. Estudio siempre en ellos y procuro imitarlos, pero hasta ahora jamás se me ocurrió tenerlos por inviolables e infalibles, acaso porque los buenos cristianos sólo reconocemos como dogmática la doctrina de nuestro padre el Sumo Romano Pontífice. Pero hay en el mundo muchos desgraciados, víctimas del Demonio, que discuten las parábolas de Jesús, y no osan discutir ni las despreciables comedias de Echegaray, ni los lamentables sonetos de Grilo. Estas idolatrías han provocado la cólera divina. El Señor derribó a los ídolos y maldijo a los sacerdotes secándoles el seso y alargándoles las orejas, como a Nabucodonosor. Esa adulación por todo lo consagrado, esa admiración por todo lo que tiene polvo de vejez, son siempre una muestra de servidumbre intelectual, desgraciadamente muy extendida en esta tierra. Sin embargo, tales respetos han sido, en cierto modo, provechosos, porque sirvieron para encender la furia iconoclasta que hoy posee a todas las almas jóvenes. En el arte como en la vida, destruir es crear. El anarquismo es siempre un anhelo de regeneración, y, entre nosotros, la única regeneración posible.

Yo he preferido luchar para hacerme un estilo personal, a buscarlo hecho, imitando a los escritores del siglo XVII. Leyendo a los antiguos aprendí dónde se hurtan esos postizos clásicos con que disfrazan su miseria literaria todos

los desventurados que van a segar en los fértiles campos de Cervantes y de Quevedo, como los villanos gallegos van a las Castillas para segar espigas en el campo del rico, pero hallo mejor hacerme un huerto y trabajar en él, solo y voluntarioso. De esta manera hice mi profesión de fe modernista: Buscarme en mí mismo y no en los otros. Porque esa escuela literaria tan combativa no es otra cosa. Si han caído sobre ella toda suerte de anatemas, es tan sólo porque le falta la tradición. Las obras que los críticos admiten sin protesta, y que todos los hombres admiran, son aquellas que cuentan cientos de años, y que nadie examina, porque ya tienen la sanción universal.

Si en la literatura existe algo que pueda recibir el nombre de modernismo, es, ciertamente, un vivo anhelo de personalidad, y por eso sin duda advertimos en los escritores jóvenes más empeño por expresar sensaciones que ideas. Las ideas jamás han sido patrimonio exclusivo de un hombre, y las sensaciones sí. Las ideas están en el ambiente intelectual, tienen su órbita de desarrollo, y el escritor lo más que alcanza es a perpetuarlas por el hálito de personalidad o por la belleza de expresión. Ocurre casi siempre que cuando un nuevo torrente de ideas y de sentimientos transforman las almas, las obras de arte a que da origen son bárbaras y potentes en el primer período, serenas y armónicas en el segundo, decadentes y artificiosas en el tercero. Podrá, aislada, la personalidad de un poeta adelantar o retroceder en la evolución, pero la obra literaria en general sigue su órbita con absoluto fatalismo, hasta que germinan nuevas ideas o se forman nuevos idiomas.

Por todo esto no puede afirmarse, sin notoria injusticia, que sean las contorsiones gramaticales y retóricas achaque exclusivo de algunos escritores llamados ÐÐmodernistas». En todas las literaturas Ðsi no en todos los tiemposÐhubo espíritus culteranos, y todos nuestros poetas decadentes y simbolistas de hoy, tienen en lo antiguo quien les aventaje. […]».

V.-I.
Aranjuez. Agosto de 1903.

VALLE-INCLÁN PEÑA, Ramón del: *CORTE DE AMOR, Florilegio de honestas y nobles damas.* "Breve noticia acerca de mi estética cuando escribí este libro".

Balada laudatoria que envía al autor el alto poeta Rubén

Del país del sueño, tinieblas, brillos,
donde crecen plantas, flores extrañas,
entre los escombros de los castillos,
junto a las laderas de las montañas;
donde los pastores en sus cabañas
rezan, cuando al fuego dormita el can,
y donde las sombras antiguas van
por cuevas de lobos y de raposas,
ha traído cosas muy misteriosas
Don Ramón María del Valle-Inclán.

Cosas misteriosas, trágicas, raras,
de cuentos oscuros de los antaños,
de amores terribles, crímenes, daños,
como entre vapores de las solfataras.
Caras sanguinarias, pálidas caras,
gritos ululantes, penas y afán,
infaustos hechizos, aves que van
bajo la amenaza del gerifalte,
dice en versos ricos de oro y esmalte
Don Ramón María del Valle-Inclán.

Sus aprobaciones diera el gran Will
y sus alabanzas el gran Miguel
a quien ya nos cuenta cuentos de Abril,
o poemas llenos de sangre y hiel.

Para él la palma con el laurel
que en manos de España listos están,
pues mil nobles lenguas diciendo van
que han sido ganadas en buena lid
por el otro Manco que hay en Madrid:
Don Ramón María del Valle-Inclán.

ENVÍO

Señor, que en Galicia tuviste cuna,
mis dos manos estas flores te dan
amadas de Apolo y de Luna,
cuya sacra influencia siempre nos una,
Don Ramón María del Valle-Inclán.

Rubén Darío, 1911

VALLE-INCLÁN PEÑA, Ramón del: *VOCES DE GESTA, Tragedia pastoril.* Proemio.

NOTA. – La Casa Museo Valle-Inclán, en Vilanova de Arousa (Pontevedra), y el Museo Valle-Inclán, en A Pobra do Caramiñal (A Coruña), agradecen a don Joaquín del Valle-Inclán Alsina el asesoramiento ofrecido para seleccionar las citas reproducidas.

El "Señor del Caramiñal",
Valle-Inclán, en el casal de A Mercé
Fotografía: H. Garita, 1918.

Valle-Inclán
caracterizado como
Cervantes
por Siro, 2007.

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ (FUNDACIÓN CENTRO DE ESTUDIOS)

La admiración que Vicente Blasco Ibáñez profesó por Miguel de Cervantes y su inmortal obra Don Quijote se manifestó en numerosas ocasiones a lo largo de toda su vida y su obra.

Prueba de ello es que en todas las casas donde vivió existía un retrato o un busto de Cervantes, y en su última residencia, la villa de Fontana Rosa, que construyó en la ciudad de Menton, en la Costa Azul francesa, levantó en el jardín un escultórico Parnaso, al que se accede por una artística portada, presidida por los retratos de Dickens, **Cervantes** y Balzac y en cuyo interior se incluían los bustos de once escritores esculpidos por el artista ruso Léopold Bernstamm. Y presidiendo dicho jardín existe aún hoy en día una fuente monumental que preside un magnífico busto de Miguel de Cervantes, cuyo zócalo está compuesto por una colección de azulejos sevillanos que representan las diferentes escenas del Quijote.

El vínculo que Blasco Ibáñez estableció con Cervantes y con su obra, El Quijote, no fue algo puntual sino que se manifestó a lo largo de toda su vida, siendo un tema recurrente a lo largo de su obra.

Así se puso de relieve al bautizar una de las dos colonias agrícolas que adquirió en Argentina como “Cervantes” (junto a la de “Nueva Valencia”), o al elegir el *Quijote* como tema de su disertación en la ceremonia de recepción del título de doctor *honoris causa* por la Universidad George Washington (USA), en 1920. Pero la relación fue mucho más allá, Cervantes y don Quijote, la figura histórica y el mito literario, actuaron como horizonte referencial en la imaginación blasquiana de un modo asombroso.

De ello daría perfecto testimonio en sus novelas, en sus conferencias y en sus empresas cinematográficas.

El escritor Pedro J. de la Peña ha llegado a formular reflexiones como la siguiente: *La admiración por Cervantes fue el resultado de la convicción de que supo crear como nadie los arquetipos de la mentalidad española. Por un lado, don Quijote como representación del idealismo, de la entrega generosa y desinteresada y de la capacidad de afrontar grandes peligros en el servicio a los humildes, que no podían compensarle de sus esfuerzos. Por otro lado, la*

figura de Sancho Panza cuyo realismo, credibilidad, actitud socarrona e ironía, le hacían poseer esa sabiduría de la calle que nace de la experiencia y le lleva a sentir, pese a la superioridad moral e intelectual de su amo, que la verdad cotidiana está de su parte. La dualidad creada por Cervantes al representar en esta dispar pareja de correcaminos los dos prototipos más contrapuestos de la vida española le pareció a Blasco un ideal modelo a seguir. Y empezó esa similitud precisamente obrando como el hidalgo de la Mancha, don Quijote.[1]

Detengámonos, por ejemplo, en las páginas iniciales de *Los argonautas*, novela escrita tras el fracaso de aquella aventura argentina en la que Blasco Ibáñez había depositado grandes esperanzas. Comprobamos que el cañamazo central de la historia puede entenderse como un trasunto biográfico del propio autor, que, a través del personaje de Fernando Ojeda, evoca cómo abandonó España para embarcarse con rumbo a la Argentina, persuadido de la ilusión de "hacerse millonario". Al igual que Blasco Ibáñez, Ojeda se sentía hermanado con Cervantes y, con gesto fetichista, quiso dotar su historia pasional de un aire mítico, siguiendo los pasos de "*un anciano enjuto, de barbillas blancas, tartamudo, con una mano mutilada, el hidalgo Cervantes veterano de guerras famosas, que aguardaba la hora de la muerte con melancólica resignación sin otro título que el de «Esclavo de la Hermandad del Santo Sacramento»*" (p. 23).
En mayo de 1895, Blasco Ibáñez viajaba hasta Argel, desde donde remitiría una serie de artículos que aparecieron en *El Pueblo* entre los días 14 y 22 de dicho mes, y que reunió bajo el título de *El país de Barbarroja (Una semana en Argel)* que integró en la edición de 1896 de *Cuentos Valencianos*. Después de haber recorrido las calles de Argel, la curiosidad del viajero no estaba totalmente satisfecha. Ansiaba localizar la cueva donde Cervantes se ocultó con otros catorce compañeros para escapar del cautiverio berberisco. En 1894 se había colocado allí un busto conmemorativo de Cervantes que acompañaba a una lápida con la siguiente inscripción: "*Cueva refugio que fue del autor del* Quijote *en el año 1577. Recuerdo que a su memoria dedicaron el almirante, jefes y oficiales de una escuadra española a su paso por Argel, siendo cónsul el Marqués de González.* Año 1887". A pesar de la proximidad del lugar, comentaba Blasco

[1] "Blasco Ibáñez: un Quijote convertido en Sancho", *Arte y Libertad*, 29 (20 de febrero de 2005)

cómo hubo que hacer grandes esfuerzos para dar con el itinerario que conducía hasta la cueva. Este detalle venía a destacar la injusticia de que había sido víctima el manco de Lepanto.

¡Desgraciado Cervantes! Si sus obras le atraen la universal admiración, las penalidades de su vida dan a su persona un ambiente melancólico que impone profundo respeto. Después de tres siglos de gloria, de formar la más luminosa de las trinidades con Dante y Shakespeare, de haber enriquecido el patrimonio del mundo con Don Quijote y las Novelas ejemplares, de ser traducido a todas las lenguas, todavía ignoran los más, en el teatro de tus desdichas, cuál fue el lugar donde las sufriste mayores; y el guardián que de tarde en tarde pasa su burdo pañuelo por tu empolvado rostro, solo sabe decir de ti: Conten qu'era un home molt chistós, que tenia partit entre les dones. La filla del rey d'Alger estaba enamorada d'ell y li salvà la vida (p. 104).

En 1897 Blasco Ibáñez fija su residencia en Madrid, ya que tras regresar de Italia, a donde había huido perseguido por la justicia, fue condenado a dos años de cárcel, pena que le fue conmutada por un destierro a más de doscientos cincuenta kilómetros de Valencia. Desde la capital haría sendas excursiones a El Escorial y a Toledo. Especialmente relevantes para el tema que nos ocupa son las crónicas toledanas, publicadas en la prensa entre el 20 y el 28 de junio. En su recorrido por la ciudad va acompañado del prestigioso periodista Mariano de Cavia y de Rodrigo Soriano, y con ellos acude a la Posada de la Sangre, identificada quizá erróneamente con el Mesón del Sevillano, donde Cervantes escribió su novela ejemplar "La ilustre fregona". Y a partir de aquí, la remembranza del ser idolatrado se focaliza en el contacto diario con la miseria:

Era un antiguo soldado, un náufrago de aquellas terribles luchas que entonces se desarrollaban en todas partes, pues el planeta entero era campo de batalla para el guerrero español; su mano estaba deforme, mutilada en un combate, pero con tal seguridad se apoyaba en la empuñadura de la rabitiesa tizona, que todos adivinaban una temible prontitud en el desenvainar y un firme propósito de no volver el acero a la vaina sin consecuencias.

Su biógrafo, José Luis León Roca, presume que Blasco aprendió a valorar a Cervantes a partir de la impronta que tuvieron sobre él personajes de la talla de Constantí Llombart y Mariano de Cavia, a los que deberíamos añadir el escritor de folletines Manuel Fernández y González. Blasco se identificó de inmediato con Cervantes, el hombre al que no lograron abatir los infortunios, al hombre capaz de

levantarse contra los injustos reveses de la vida y devolver, en cambio, un canto repleto de profunda humanidad como el *Quijote*. Instalado en otras coordenadas temporales, también Blasco pisó la cárcel, también padeció sonadas derrotas, después de las cuales se sobrepuso, con acendrado vitalismo, intentando acometer nuevos desafíos. Uno de dichos retos es el que le condujo en 1909 hasta Argentina, a donde fue invitado para impartir una serie de conferencias en el Teatro Odeón de Buenos Aires, que fueron ampliándose hasta abarcar todo el país. En aquella ocasión, el escritor francés Anatole France, que compartió con él escenario, lo saludaba como "*heredero de Miguel de Cervantes*".

Un siglo después del ocaso del imperio nacional en América, liquidado definitivamente tras el desastre del 98, Blasco compartía la intención de su antiguo compañero Rafael Altamira de buscar una nueva comunidad hispánica, basada en unos lazos de sangre y en una identidad lingüística. Dicha opción tenía muchos puntos en común con las propuestas del arielismo argentino, empeñado en una reivindicación cultural que uniese a las diferentes repúblicas del continente ante el auge avasallador del materialismo anglosajón. Fundamentalmente, hacia dicha comunidad de intereses apuntaba el programa de conferencias que se había propuesto Blasco. Se trataba de demostrar fehacientemente la huella de España en América, desmintiendo la leyenda negra que desde diversas naciones del norte de Europa se intentaba fomentar.

Entre los temas de sus conferencias no podía faltar una dedicada a Cervantes[2], en ella, tras un extenso retrato biográfico, le elevaba, junto a Shakespeare, a la categoría de un genio que estuvo "*más en contacto con el pueblo*", de ahí que fuese capaz de pintar "la vida intensamente y crear figuras que pasaron a la humanidad". Y poco después, volvería sobre la misma idea, señalando que ... *fue también un discípulo de la calle, como lo fuera después de las ventas, de los caminos y de la cárcel. Conoció así las miserias de la vida, la vida real, y pudo reír y llorar con risas y lágrimas verdaderas, no con las falsas de los que no han visto la existencia sino a través de los libros. A los veinte años, mientras componía sus primeros sonetos o daba cuchilladas, aprendió a conocer el mundo, adquirió la experiencia que después le echaban en cara no poseer* (p. 212).

No podían faltar, por supuesto, referencias a su gran obra, *El Quijote*, su triunfo "popular" daría paso a la mención de

[2] *Discursos literarios*, op. cit., pp. 201-229.

un hecho que no por consabido deja de tener un significado trascendente en la lógica del discurso: *Cervantes tiene de diverso con los demás escritores, que nunca en la vida vivió en contacto con los demás escritores o literatos. Su vida fue una batalla continua con Lope de Vega, digno rival de él, lleno de riquezas, honores y gozando del favor de damas y reyes, y que, sin embargo, tenía envidia a Cervantes. Para darse cuenta de lo injusto de aquel odio, baste recordar que una vez dijo: "No hay poeta nuevo tan malo como Cervantes ni tan necio que alabe su Quijote" (p. 222).*

La injusta incomprensión de que fue objeto Cervantes es un tema recurrente, y en 1925 Blasco Ibáñez confesaba los motivos de su devoción cervantina, expresándose en estos términos: *Mi modelo, mi gran hombre, es Cervantes. Fue soldado, marino, esclavo, recaudador de impuestos, qué sé yo... En vida, estaba considerado como un mediocre escritor, mientras que todos celebraban a porfía a escritores correctos y académicos. Pero su estilo era como la vida y es él quien ha triunfado. Los otros creaban bellas frases; él creaba tipos humanos.*[3]

Varios años después de enunciar esta afirmación, el mismo Blasco volvería sobre el mismo asunto en el prólogo "Al lector" de sus *Novelas de amor y de muerte*. En esta ocasión, consideraba a Cervantes como el padre de "*todos los novelistas del mundo, el glorioso don Miguel, [del que] cuentan que escribió la primera parte de su Don Quijote estando encerrado en la cárcel de Sevilla.// Esto, dicho sea de paso, no es más que una leyenda... Lo afirmo con la seguridad de un experto. No niego que pudo concebir la historia de don Quijote en su prisión; pudo también trazar un boceto o síntesis de su obra, ampliándola luego al verse en libertad; pero declaro imposible que escribiese la primera parte de su novela, tal como la conocemos, en un lugar «donde todo ruido e incomodidad tienen su asiento»" (p. 10).*

Este cambio interpretativo nos hace presumir que Blasco siguió interesado en el estudio del Cervantes histórico y del *Quijote* durante mucho tiempo, lo que, a su vez, declara la importancia que le concedía a tales temas.

Paralelamente a la identificación Cervantes-España, Blasco ansiaba ampliar la proyección geográfica, y significativa, del autor del *Quijote*. Por ello, tan pronto le deslumbró la idea de fundar sendas colonias en Argentina, el moderno conquistador procedería a bautizar una de ellas, la de Río Negro, como "*Cervantes*", porque "*en estos países de nuestro*

[3] Frédéric Lefefvre, "Une heure avec Blasco Ibáñez", *Les nouvelles litteraires*, 12-XII-1925; cf. *Catálogo exposición "Blasco Ibáñez 1867-1928"*, op. cit., I, p. 119.

idioma aún no se le ha hecho justicia al autor del Quijote… Hace falta, pues, perpetuar su nombre en el país por una eternidad, para que viva siempre siquiera en labios de estas gentes"

Y para vosotros y nosotros –exponía en una de sus conferencias argentinas–, *aquellos hombres [los descubridores y conquistadores españoles] nos dieron una patria común, nos dieron ese algo aliado con la lengua, el idioma más rico, más prodigiosamente rico de cuantos se conocen; nos dieron ese algo que no se rompe jamás, que hermana a americanos y españoles.*[4]

Al terminar su conferencia sobre Cervantes, Blasco subrayaba: "*Cuando estoy en Madrid, cansado de trabajar, algunas tardes del pálido invierno me echo sobre los hombros la capa española y voy a la antigua calle de Francos, hoy de Lope de Vega. Voy al convento de las Trinitarias, vago por aquellos alrededores, evocando la gran figura de Cervantes, a esas horas en que en las estrechas calles reina la noche, y en lo alto, sobre los tejados, llamea la puñalada anaranjada del sol poniente. Oigo sonar las campanas del convento con acompasados golpes…*"[5]
Hacia 1916, después del rodaje de la adaptación fílmica de su novela *Sangre y arena*, escribió una carta a sus socios de la editorial Prometeo en Valencia con el siguiente encargo: *Estamos ya preparando el film "Don Quijote" y necesito recibir todo lo que pueda servirnos de guía y facilitar el trabajo. Necesito el "Quijote" dibujado por Jiménez Aranda.*[6]

Aunque la petición formulada deja entrever que Blasco no poseía tal ejemplar, sí que presume conocerla. Y lo mismo demostrará en el mencionado "escenario" fílmico, cuando consigne una primera edición de la novela cervantina: *Se proyecta en el "scran" la portada que es la de la primera edición de las aventuras de "Don Quijote". (En Nueva York mi amigo Ascher M. Huntington facilitará esta primera edición, que guarda en su museo de la "Hispanic American Society") (p. 18)*[7]. No en vano Blasco llegó a definir el Quijote como su libro de "cabecera"[8].

---

[4] "La Argentina vista desde España", en *Discursos literarios*, op. cit., p. 46.
[5] "*Discursos literarios*, ed. de E. Gascó Contell, Valencia, Prometeo, 1966, pp. 228-229).
[6] *Epistolario de Vicente Blasco Ibáñez-Francisco Sempere (1901-1917)*, op. cit., p. 277.
[7] Cito a partir del guion inédito *D. Quijote*, que he podido consultar gracias a la gentileza de Ángel López y la Fundación C. E. Vicente Blasco Ibáñez.
[8] "El *Quijote* es, para mí, a modo de un libro de oro. Yo lo tengo en la cabecera de mi cama y lo releo, porque en él encuentro uno de los placeres más íntimos que me puede proporcionar la literatura" ("La novela y su influencia social", en *Discursos literarios*, op. cit., pp. 317-318).

En su obra *La vuelta al mundo de un novelista*, al intentar familiarizar al lector occidental con las maravillas de la isla de Ceilán, realiza la siguiente evocación: "es la famosa isla o ínsula de Taprobana que figura en los libros de caballerías, tierra de inauditos tesoros guardados por enanos feroces, tropas de monos y desaforados gigantes. Don Quijote, en la biblioteca de su caserón manchego, soñó muchas veces con la conquista de uno de los reinos de la lejanísima Taprobana, donde abundaban perlas y diamantes, como si fuesen guijarros"
Pero quizás el mayor homenaje que Blasco Ibáñez rindió a Cervantes y a su inmortal novela, *El Quijote*, fue precisamente su proyecto de llevar la obra al cine
Entre 1916 y 1917, los proyectos para el cine capitalizaron la actividad de Blasco. A pesar de que siempre declaraba que cada título nuevo superaría con creces a los anteriores, su obra magna, sin embargo, no consistiría en una adaptación de sus propias novelas y relatos.
En una entrevista concedida a Mario Aguilar, en *El Imparcial*, anunciaba a bombo y platillo una incomparable superproducción:

Sí, sí, el ingenioso hidalgo lanzado al «cine» con toda su grandeza. Van ya para ocho meses que trabajo en ello, y, créame, ha sido ese acoplamiento la empresa literaria que me ha producido más trabajo y más preocupación. Se me abren las carnes pensando en el arreglo. No representa nada la enorme «mise en scéne» junto a lo que he tenido que cavilar para encuadrar el escenario de El Quijote. Seguir la acción quijotesca sería muy fácil pero también muy monótono y muy árido. He tenido que refundir, sintetizar, ponderar las escenas y entrarme por el pensamiento de Cervantes, tras una marcha recta de El Quijote, sin las abundancias episódicas. En cambio, la cinematografía guarda la ventaja de poder producirse paralelamente la realidad y las fantasmagorías de don Quijote. Y así se verán las ventas y los imaginados castillos, las maritornes y las princesas, los rebaños y los ejércitos de Alifanfarón y Pentapolín, los molinos y los desaforados gigantes, las porquerizas y las princesas.[9]

El plan debía de estar bastante avanzado, puesto que ya se habían realizado diversas gestiones:
Hemos presupuestado un millón de pesetas. Entrarán 8.000 personas obedeciendo a indumentarias que, dibujados por artistas de nombre, se están ya confeccionando, parte de

[9] "Cartas catalanas. Blasco Ibáñez, cinematografista" (2-VIII-1916); cf. *Catálogo exposición "Blasco Ibáñez 1867-1928"*, op. cit., vol. I, p. 62.

ellas en Barcelona y Valencia. Alzaremos hasta una pequeña ciudad de la Edad Media. Algo que recuerde las ilustraciones de Gustavo Doré en El Quijote. La entrada del caballero manchego aquí, en Barcelona, será algo de resonancia en el mundo de la cinematografía. Y a don Quijote lo representará un famoso actor francés, huesudo, a quien no falta más que la entonada perilla y los arreos legendarios.[10]
Tomando como punto de partida estas manifestaciones, hacia 1916, el autor ya tendría esbozado un guión de unas doscientas páginas. El guión mecanografiado que se conserva es posterior, hacia 1920, y se extiende en unas 185 páginas. Su redacción se debió completar después de su viaje a los Estados Unidos y buscando para ello el mecenazgo de alguna productora de aquel país, acomodándose a las pautas dominantes en la cinematografía hollywoodiense.

La historia no solo se actualizaría en el tiempo, también el argumento pasaría a localizarse en una geografía típicamente estadounidense: "*En un pueblo de la Baja California vive un gentleman llamado mister Alonso Bueno*." Recomendamos vivamente la lectura del guión cinematográfico, incluido en la publicación editada por el Ayuntamiento de Valencia[11], ya que no tiene desperdicio, si bien lo que más llama la atención es su desenlace, adaptado al momento histórico en que se pretendía situar la acción. Tras recuperar la cordura, el protagonista se alista en el ejército norteamericano y parte hacia Europa para seguir defendiendo las libertades. Así, transcurridos seis meses, Sancho halló acomodo como ayudante de cocinero y temblaba cada vez que oía la detonación de algún proyectil. Por su parte, el protagonista había encontrado en las trincheras el escenario idóneo para exteriorizar su ardimiento. Desde ella, se abalanzaría contra el ejército adversario vestido de oficial y liderando a un grupo de soldados que acababan de calar la bayoneta en el fusil.

Don Quijote va delante con el sable en una mano y el revólver en la otra, les anima al ataque con sus voces de mando.De pronto suelta sus armas, se encorva con un gesto de dolor y acaba cayendo en el suelo.
Se le ve tendido en tierra con un rostro de agonía (pp. 179-180).

La caída del personaje en el campo de batalla podría dar al traste con sus esperanzas, del mismo modo que el

[10] Ibídem, p. 62.
[11] Emilio José Sales Dasí, «La lectura cervantina de Blasco Ibáñez y un Quijote para el cine», Ayuntamiento de Valencia, 2015

Fundación Centro de Estudios Vicente Blasco Ibáñez.

protagonista de "D. Q." se vio desbordado por la realidad. Aun así, la posible afinidad apenas duraría unos segundos, ya que Blasco, también con afán alegórico, encomendaba a las "magias" del cine la posibilidad de representar una secuencia eminentemente fantástica: *Al lado del moribundo, tendría que aparecer la figura de "un fantasma blanco": "Don Quijote; el verdadero don Quijote; el héroe de la novela de Cervantes vestido como un hidalgo del siglo XVI" (p. 180).*

Frente a frente, el personaje antiguo, de Cervantes, y el moderno, de Blasco, para que sus dos almas se hermanasen en una y discurrieran por la avenida de un majestuoso jardín hasta llegar a la escalinata del *"Templo de la Gloria".*
Por más que pueda chocar esta adaptación cinematográfica, y el traslado de la acción a un momento histórico contemporáneo al momento en que se ejecutó, esta actuación responde plenamente a la intención de Blasco Ibáñez, que afirmaba:
El espíritu de don Quijote surge donde menos se le espera. No es patrimonio especial de ningún pueblo; lo creó España, pero es ya del mundo entero. Allí donde exista una noción exacta de la justicia y del derecho, allí donde se odie la opresión y la violencia, allí está su patria (p. 387).

OMAGGIO A CERVANTES
Case della Memoria · Italia

L'Associazione Nazionale Case della Memoria, nata nel 2005, è l'unica rete in Italia, a livello nazionale, di case museo di personaggi illustri (scrittori, artisti, musicisti, scienziati ecc.), riconosciuta da ICOM Italia, per questo fa parte della Conferenza Permanente delle Associazioni Museali Italiane.
La rete è composta da 61 case museo in 11 regioni italiane (Piemonte, Veneto, Lombardia, Emilia-Romagna, Toscana, Umbria, Marche, Lazio, Basilicata, Sicilia e Sardegna) che hanno deciso di lavorare insieme a progetti comuni e per promuovere questa forma museale in maniera più incisiva e coordinata.
Le case della memoria, ci consentono di conoscere la dimensione quotidiana dei grandi del passato, di incontrarli nel loro vissuto, sentirli quasi presenti. Era ciò che cercavano in Italia i colti viaggiatori stranieri del Grand Tour che, specialmente nel Sette-Ottocento, visitavano l'Italia: molti di essi erano viaggiatori sentimentali e letterari che visitavano i luoghi mossi dal desiderio di percepire la presenza di un autore nel luogo in cui aveva vissuto o in cui una sua famosa opera aveva visto la luce. Come afferma Gabriel Fauré, nei suoi *Paysages Littéraires* pubblicati a Parigi nel 1917: egli, viaggiatore letterario appassionato, sottolinea come a distanza di secoli la sensibilità è toccata maggiormente dai luoghi che sono rimasti immobili ed immutati nel tempo.
L'Associazione Nazionale Case della Memoria si propone, dunque, di far conoscere e valorizzare i luoghi dei grandi del passato, con la consapevolezza che non è possibile leggere le opere immortali dei grandi scrittori, ammirare i dipinti e le sculture di artisti geniali, ascoltare composizioni musicali, senza "incontrare" i suoi protagonisti, il loro vissuto, il forte legame con il territorio. Un esempio importante di questo processo di recupero della memoria e del genius loci o spirito del luogo lo troviamo nelle case della memoria di cui stiamo parlando. In queste abitazioni, varie per epoche storiche e differenti per personaggi di riferimento, si manifesta in tutta evidenza quello spirito del luogo di cui ci parla James Hillman: "L'anima del luogo deve essere scoperta allo stesso modo dell'anima di una persona. È possibile che non venga rivelata subito. La scoperta dell'anima, ed il suo diventare familiare, richiedono molto tempo e ripetuti incontri". Questi ripetuti incontri sono possibili proprio visitandole. I luoghi premono sui nostri sentimenti, ci emozionano, ci stupiscono, ci atterriscono, comunque ci cambiano. Questo è ancor più vero per le case dei grandi personaggi che sono i protagonisti della nostra storia.

Raccogliendo il gentile invito rivoltoci dagli amici delle case degli scrittori di Spagna e Portogallo, riuniti nell'Associazione ACAMFE, in particolare del suo presidente Ibon Arbaiza, intendiamo partecipare in questo modo all'Omaggio a Cervantes, in occasione delle celebrazioni per il IV centenario della morte del grande scrittore e poeta Miguel de Cervantes. Attraverso gli scritti e i documenti di otto grandi personaggi, italiani per nascita oppure vissuti in Italia per amore della cultura italiana, scrittori, artisti, musicisti, scienziati, si ricostruisce un quadro interessante, e pur tuttavia incompleto data la vastità dell'argomento, dell'influenza che nel corso del tempo l'opera del grande scrittore spagnolo ha avuto nella storia letteraria e culturale italiana e non solo. Ovviamente l'influenza di Cervantes nella letteratura e nella cultura italiana è certamente più ampia e profonda, in questo caso il campo è volutamente ristretto ai personaggi le cui case museo aderiscono alla nostra rete museale nazionale. Miguel de Cervantes è stato nel corso del tempo fonte di felice ispirazione per grandi musicisti come Giacomo Puccini e Ferruccio Busoni (e il figlio Rafaello), grandi artisti come Giorgio de Chirico e Venturino Venturi, il sismologo Raffaele Bendandi, il collezionista appassionato e scrittore Loris Jacopo Bononi che nella sua residenza a Bagnone in Toscana ha raccolto un archivio letterario di prima grandezza, con autografi dei più grandi scrittori italiani ed un disegno originale con il ritratto di Alessandro Malaspina, donato poi al Centro Studi Malaspiniani e Archivio-Museo dei Malaspina di Mulazzo. Alessandro Malaspina (più noto in Spagna come Alejandro Malaspina), esploratore e navigatore con alterne vicende al servizio della Spagna nella seconda metà del XVIII secolo, è autore di un interessante trattato in Castigliano proprio sul *don Quijote de la Mancha*.
Le pagine, che per ragioni di spazio sono limitate, testimoniano l'interesse per Cervantes di altri grandi personaggi: la scrittrice americana Dephne Phelps che si fece incantare dallo splendido paesaggio di Taormina in Sicilia (nella sua casa museo si conserva un disegno a soggetto cervantino di Pablo Picasso) e il grande filosofo e critico letterario Antonio Gramsci.

Adriano Rigoli, Presidente Associazione Nazionale Case della Memoria
Marco Capaccioli, Vicepresidente Associazione Nazionale Case della Memoria

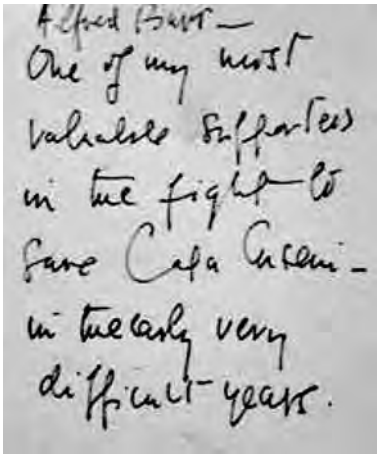
DAPHNE PHELPS
- SCRITTRICE (1911-2005)

Pablo Picasso e Daphne Phelps
di Francesco Spadaro

L'opera di Picasso, raffigurante Don Chisciotte è presente nella Libreria di Casa Cuseni di Taormina. Non è un quadro di particolare valore economico poichè è un multiplo. La circostanza che lo rende speciale è che è stato un regalo di Alfred Barr Junior, il primo Direttore del MoMA, Museum of Modern Art di New York, alla scrittrice britannica Daphne Phelps, la proprietaria di Casa Cuseni, per l'ospitalità che lui stesso aveva ricevuto. Alfred Barr Junior è stato ospite a Casa Cuseni di Taormina dal 1952 sino alla sua morte avvenuta nel 1981. Quest'opera di Pablo Picasso *Don Chisciotte* è un'opera del 1955, quindi cronologicamente si colloca dopo la prima mostra Italiana del 1953 di Pablo Picasso, il cui catalogo fu curato dal noto critico e storico dell'arte italiana Lionello Venturi. Nel 1953, Alfred Barr Jr. era nuovamente in Italia, stavolta proprio per la mostra a Roma di Pablo Picasso. Proprio durante uno di questi soggiorni italiani, Alfred Barr Junior ha regalato alla scrittrice Daphne Phelps l'opera ricevuta direttamente da Pablo Picasso. Daphne Phelps ricordava sempre che queste opere presenti a Casa Cuseni erano importanti, non perchè opere uniche, ma perchè erano state nelle mani dei suoi amici, di Pablo Picasso, che Daphne Phelps aveva personalmente conosciuto e frequentato, e di Alfred Barr Junior. Daphne parlava al plurale, perchè i quadri regalati furono due; l'altro, *Il suonatore di flauto*, un'opera del 1959, è una litografia numerata. Quindi i due regali, sono successivi al 1959. Il motivo per cui Alfred Barr Junior portava in Italia questi lavori di Pablo Picasso non è noto, ma probabilmente stava studiando il mercato artistico italiano o voleva farne dono ad amici. Tra la scrittrice Daphne Phelps e Alfred Barr Jr. si era instaurata una bella amicizia, anche perché quest'ultimo aveva aiutato in tanti momenti difficili la scrittrice a salvare Casa Cuseni di Taormina. Per questo motivo Daphne Phelps indirizza ad Alfred Barr Jr., uno dei suoi "most valuable supporters", un biglietto di ringraziamento conservato nell'archivio della casa museo siciliana.

Don Chisciotte
Pablo Picasso, 1955

Daphnes Phelps
"most valuable supporters"
a Alfred Barr Jr.



ANTONIO GRAMSCI
GIORNALISTA, LINGUISTA, FILOSOFO, POLITICO (1891-1937)

La letteratura di Cervantes in Gramsci
a cura di Piero Onida

L'interesse per la letteratura è elemento centrale nella vita del pensatore Antonio Gramsci.
La piena maturazione del Gramsci critico letterario appare palese nelle note che il pensatore sardo scrive nel periodo carcerario. Negli undici anni spesi nelle carceri fasciste, Gramsci sarà capace di elaborare una variegata e monumentale opera di analisi filologica.
A passare alla storia, nei suoi celeberrimi ***Quaderni del Carcere*** sono le analisi politiche de ***La filosofia di Benedetto Croce*** o la sua critica del ***Principe*** di Nicolò Machiavelli, così come le attente disamine sui lavori di Dante Alighieri e sui ***Promessi Sposi*** di Alessandro Manzoni. La sua opera si riferisce soprattutto alla lcultura e letteratura italiana. Tuttavia, immaginare Gramsci come un lettore autarchico è estremamente errato; il pensatore si sporse continuamente oltre le Alpi e oltre il mare per conoscere e interpretare la letteratura straniera. Gramsci fu un grande appassionato di letteratura russa e tedesca, ammirando specialmente Goethe per l'universalità del suo genio. Al contempo, il pensatore sardo si affacciò anche sulla penisola iberica, dando particolare risalto all'opera letteraria di **Miguel de Cervantes**. Nei ***Quaderni***, Gramsci cita poche volte l'autore spagnolo, ma gli dona, in una nota del ***Quaderno 8***, un ruolo di assoluto rilievo nella cultura mondiale:
"Nozioni enciclopediche e argomenti di cultura. Ogni nazione ha il suo poeta o scrittore in cui riassume la gloria intellettuale della nazione e della razza. Omero per la Grecia, Dante per l'Italia, Cervantes per la Spagna, Camoens per il Portogallo, Shakespeare per l'Inghilterra, Goethe per la Germania. È da notare che la Francia non ha nessuna di queste figure che sia rappresentativa senza discussione, così non l'hanno gli Stati Uniti. Per la Russia si potrebbe parlare di Tolstoi? Per la Cina di Confucio?
Il fatto francese è notevole perché la Francia tradizionalmente è paese unitario per eccellenza (Victor Hugo?) anche nel campo della cultura, anzi specialmente in

questo. La data in cui queste figure sono apparse nella storia di ogni nazione è elemento interessante per fissare il contributo di ogni popolo alla civiltà comune e anche la «sua attualità culturale». Come «elemento ideologico» attualmente operante, riflette gloria sulla Grecia la grandezza di Omero? Gli ammiratori di Omero sono stati abituati a distinguere la Grecia antica dalla Grecia moderna.[1]"

In questa breve nota, Gramsci identifica Cervantes come simbolo nazionale e culturale della Spagna, interprete della bellezza, della cultura iberica e massimo letterato del Paese. La forte ammirazione del pensatore comunista verso l'autore del ***Quijote*** non si esaurisce, però, alla sfera dei suoi studi. In una lettera personale, scritta nell'estate del 1936 al figlio Delio, allora adolescente ed amante della letteratura russa, Gramsci dona una dimensione globale al Cervantes, mettendolo nel suo personale pantheon, tra i pochi autori capaci di esprimere ai massimi livelli civiltà e meraviglia:

"Tolstoi è stato davvero un portatore di civiltà e di bellezza e nel mondo contemporaneo ancora nessuno lo ha eguagliato: per trovargli compagnia occorre pensare a Omero, a Eschilo, a Dante, a Shakespeare, a Goethe, a Cervantes e altri pochissimi.[2]"

Cervantes riappare nei ***Quaderni*** in altre due occasioni: nella prima delle due note, non sviluppata e sempre nell'ottavo quaderno, viene citata una novella dell'autore spagnolo: ***"I nipotini del padre Bresciani. Ghita, la «ilustre fregona»*** (novella del Cervantes)."[3], nella seconda nota, presente nel ***Quaderno 9***, Gramsci trascrive un estratto del ***Quijote*** in lingua originale e analizza la figura dell'***humanista*** del Cervantes, equiparandolo a quello della letteratura siciliana del primo novecento:

"Passato e presente. Santi Sparacio. Nel capitolo XXII della seconda parte del Don Chisciotte: «l'humanista» che accompagna Don Chisciotte e Sancio alla «cueva de Montesinos». «En el camino preguntó Don Quijote al primo de qué género y calidad eran sus ejercicios, sus profesion y estudios. A lo que él respond'o que su profesion era ser humanista, sus ejercicios y estudios componer libros para

[1] Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere, Quaderno 8*, § 138, in Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere, vol. secondo*, Edizione critica dell'Istituto Gramsci, a cura di Valentino Gerretana, Ed. Einaudi, Torino, 1975, p. 1026
[2] Antonio Gramsci, *Lettera al figlio Delio*, Estate 1936, in Antonio Gramsci, *Lettere dal Carcere*, Ed. Einaudi, Torino, 1975, pp. 858-859
[3] Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere, Quaderno 8*, § 82, in Antonio Gramsci, Op. Cit., p. 987

dar á la estampa, todos de gran provecho y no menos entretenimiento para la repòblica: que el uno se intitulaba El de las libreas, donde pintaba setecientas y tre libreas con sus colores, motes y cifras, de donde podian sacar y tomar las que quisiesen en tiempo de festas y regocijos los caballeros cortesanos, sin andarlas mendigando de nadie, ni lambicando, como dicen, el cerbelo por sacarlas conformes á sus deseos y intenciones; porque doy al zeloso, al desdeñado, al olvidado y al ausente las que les convienen, que les vendrán mas justas que pecadoras. Otro libro tengo tambien, á quien he de llamar, Metamorfóseos, ó, Ovidio español, de invencion nueva y rara; porque en él, imitando á Ovidio à lo burlesco, pinto quién fué la Giralda de Sevilla y el ángel de la Magdalena, quién el caño de Vecinguerra de Córdoba, quién es los toros de Guisando, la Sierra Morena, las fuentes de Leganitos y Lavapiés en Madrid, no olvidándome de la del Piojo, de la del Caño dorado y de la Priora; y esto con sus alegor'as, metáforas y translaciones, de modo que alegran, suspenden y enseñan á un mismo punto.
Otro libro tiengo, que le llamo Suplemento á Virgilio Polidoro, que trata de la
invencion de las cosas, que es de grande erudicion y estudio, á causa que las cosas que se dejó de decir Polidoro de gran sustancia, las averiguo yo, y las declaro por gentil estilo. Olvidósele à Virgilio de declararnos quién fué el primero que tuvo catarro en el mundo, y el primero que tomó las unciones para curarse del morbo gálico, y yo lo declaro al pie de la letra, y lo autorizo con mas de veinte y cinco autores, porque vea vuesa merced si he trabajado bien, y si ha de ser òtil el tal libro á todo el mundo».
Sancio si interessa, com'è naturale, specialmente a quest'ultimo libro, e pone delle quistioni all'«humanista»: «¿Quién fué el primero que se rascó en la cabeza?» .... «¿quién fué el primer volteador del mundo?» e risponde che il primo fu Adamo, che avendo testa e capelli, certo tal olta dovette grattarsi la testa, e il secondo Lucifero, che espulso dal cielo, cadde «volteando» fino agli abissi dell'inferno.
Il tipo mentale dell'humanista ritratto dal Cervantes si è conservato finora e così si son conservate nel popolo le «curiosità» di Sancio, e ciò spesso appunto viene chiamato «scienza». Questo tipo mentale, in confronto a quelli tormentati, per esempio, dal problema del moto perpetuo, è poco conosciuto e troppo poco messo in ridicolo, perché in certe regioni è un vero flagello. Al carcere di Palermo, nel dicembre 1926, ho visto una dozzina di volumi, scritti da siciliani, e stampati in Sicilia stessa, ma alcuni in America da emigrati (certo inviati in omaggio al carcere o al cappellano). Il più tipico di essi era un volume di certo Santi

Sparacio, impiegato della ditta Florio, il quale appariva autore anche di altre pubblicazioni. Non ricordo il titolo principale del libro[4] ma nei sottotitoli si affermava che si voleva dimostrare: I l'esistenza di Dio, II la divinità di Gesù Cristo, III l'immortalità dell'anima. Nessuna di queste quistioni era realmente trattata, ma invece nelle circa 300 pagine del volume, si contenevano le quistioni più disparate su tutto lo scibile: per esempio si trattava come fare per impedire la masturbazione nei ragazzi, come evitare gli scontri tranviari, come evitare che nelle case si rompano tanti vetri alle finestre ecc. Questo della «rottura dei vetri» era trattato così: si rompono tanti vetri, perché si pongono le sedie con lo schienale troppo vicino ai vetri, e, sedendosi, per il peso lo schienale si abbassa e il vetro è rotto. Quindi bisogna curare, ecc.; ciò per pagine e pagine. Dal tono del libro si capiva che lo Sparacio nel suo ambiente era ritenuto un gran saggio e sapiente e che molti ricorrevano a lui per consigli ecc.[5]"

Secondo quanto ci suggerisce Valentino Gerratana, autore dell'edizione critica dei Quaderni, Antonio Gramsci non possedette le edizioni originali delle opere di Cervantes durante il periodo carcerario. Le note appena trascritte potrebbero venire da un'antologia scolastica di don Chisciotte e di altre opere di Cervantes, tuttavia non ritrovata alla fine del periodo carcerario[6]. Non fu possibile, per il pensatore sardo, lavorare con questi scarsi mezzi e con l'afflizione della pena carceraria ad una vera e propria critica sull'opera cervantesca; ciò che rimane oggi negli scritti gramsciani è un'impronta della profonda e duratura ammirazione di Gramsci verso il genio di Miguel de Cervantes.

www.casedellamemoria.it/it/gli-eventi.html

[4] Il libro a cui si riferisce Gramsci è "*La verità eterna: la certezza della: esistenza di Dio, la certezza della: divinità di Gesù Cristo, La certezza de: la vita avvenire*, di Santi Sparacio, pubblicato dall'editore Corselli a Palermo nel 1920
[5] Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere, Quaderno 9*, § 18, in Antonio Gramsci, Op. Cit., p. 1106-1108
[6] Valentino Gerretana, in Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere, vol. quarto*, Apparato Critico, Edizione critica dell'Istituto Gramsci, a cura di Valentino Gerretana, Ed. Einaudi, Torino, 1975, p. 2832

CASAS EN LA ACAMFE

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL
C/ Serrano, 115
28006 Madrid
tel.: (34) 91 768 85 00
fax: (34) 91 563 11 99
email: ahn@mecd.es
www.mecd.gob.es/archivos/AHN

CASA MUSEO LOPE DE VEGA
C/ Cervantes, 11,
28014 Madrid
tel.: 91 429 92 16
fax. 91 429 26 01
email: casamuseolopedevega@madrid.org
www.casamuseolopedevega.org

CASA-MUSEO BENITO PÉREZ GALDÓS
C/ Cano, 6
35002 Las Palmas de Gran Canaria
tel.: 92 837 37 45 / 36 69 76
fax: 92 837 37 34
email: perezgaldos@grancanaria.com
www.casamuseoperezgaldos.com

CASA-MUSEO LEÓN Y CASTILLO
C/ León y Castillo, 43-45
35200 Telde
Gran Canaria
tel.: 92 869 13 77 / 92 869 51 00
fax: 92 869 66 53
email: leonycastillo@grancanaria.com
www.fernandoleonycastillo.com

CASA-MUSEO JOSÉ MARÍA DE COSSÍO
C/ Tudanca, s/n
39555 Tudanca
Cantabria
tel.: 94 272 90 25
fax: 94 272 90 45
email: casonatudanca@gobcantabria.es
www.museosdecantabria.es

CASA-MUSEO RAMÓN DEL VALLE-INCLÁN

C/ Luces de Bohemia s/n
36620 Vilanova de Arousa. Pontevedra
tel.: 98 655 54 93
fax: 98 655 54 93
email: museos@vilanovadearousa.com
www.vilanovadearousa.com
www. museocuadrante.com

CASA-MUSEO TOMÁS MORALES

C/ Plaza Tomás Morales, s/n
35420 Moya
Gran Canaria
tel.: 92 862 02 17 / 92 861 24 01
fax: 92 861 12 17
email: tomasmorales@grancanaria.com
www.tomasmorales.com

CASA-MUSEO UNAMUNO

C/ Virgen del Rosario, 11
35600 Puerto del Rosario
Fuerteventura. Las Palmas
tel.: 92 886 23 76
fax: 92 853 22 99
email: cultura@cabildofuer.es
www.cabildofuer.es

C/ Libreros 25
37008 Salamanca
tel.: 92 329 44 00 - Ext. 11 96
fax: 92 329 47 23
email: unamuno@usal.es
www.unamuno.usal.es/museo

CENTRO DE INTERPRETACIÓN ARMANDO PALACIO VALDÉS

C/ Entralgo
33987 Entralgo - Laviana
Asturias
tel.: 98 561 13 77
fax: 98 561 01 44
email: palaciovaldes@laviana.es
www.palaciovaldes.com

FUNDACIÓN BLAS DE OTERO

Fundación Blas de Otero
C/ Barrainkúa 5
48009 Bilbao
tel.: 67 139 21 27 / 94 680 92 33
email: secretaria@fundacionblasdeotero.org
www.fundacionblasdeotero.org

FUNDACIÓN ZENOBIA Y JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

C/ Juan Ramón Jiménez, 10
21800 Moguer. Huelva
tel.: 95 937 21 48
fax: 95 937 26 94
email: zenobiajrj@hotmail.es
www.fundacion-jrj.es

FUNDACIÓN CENTRO DE ESTUDIOS VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

C/ Obispo Muñoz, 58
46100 BURJASSOT
Valencia.
tel.: 69 936 01 43
email: fundacionblascoibanez@gmail.com
www.fundacionblascoibanez.com

FUNDACIÓN CULTURAL MIGUEL HERNÁNDEZ

Fundación Cultural Miguel Hernández
C/. Miguel Hernández, 73
03300 ORIHUELA (Alicante)
tel.: 96 530 63 27 / 96 530 02 45
fax: 96 773 73 77
email: administracion@miguelhernandezvirtual.com
www.miguelhernandezvirtual.com

CASA-MUSEO MANUEL CURROS ENRÍQUEZ

C/ Curros Enríquez, 37
32800 Celanova
Ourense
tel.: 98 845 11 76
email: fundacion@currosenriquez.es
www.currosenriquez.es

FUNDACIÓN FRANCISCO GINER DE LOS RÍOS
C/ Paseo General Martínez Campo, 14
28010 Madrid
tel.: 91 446 01 97
fax: 91 446 80 68
email: ile@fundacionginer.org
www.fundacionginer.org

FUNDACIÓN MUSEO JORGE OTEIZA
C/ Cuesta, 24
31486 Alzuza. Navarra
tel.: 94 833 20 74
email: info@museooteiza.org
www.museooteiza.org

FUNDACIÓN JUAN REJANO
C/ Cruz del estudiante, 37
14500 Puente Genil
Córdoba
tel.: 95 760 55 95
fax: 95 760 80 44
email: administración@fjr.aytopuentegenil.es / presidente@fjr.aytopuentegenil.es
www.aytopuentegenil.es/

FUNDACIÓN MAX AUB
C/ San Antonio, 11 Entresuelo
12400 Segorbe
Castellón
tel.: 96 471 38 66
fax: 96 471 38 77
email: fundacion@maxaub.org
www.maxaub.org

MUSEO CASA NATAL DE CERVANTES
C/ Mayor, 48
28801 Alcalá de Henares
Madrid
tel.: 91 889 96 54
fax: 91 881 87 52
email: museocasanataldecervantes@madrid.org
www.museocasanataldecervantes.org

MUSEO CASA NATAL FEDERICO GARCÍA LORCA
C/ Poeta Federico García Lorca, 4
18340 Fuente Vaqueros – Granada
tel.: 95 851 69 62
fax: 95 851 67 80
email: casamuseolorca@dipgra.es
www.patronatogarcialorca.org

MUSEO VALLE-INCLÁN
C/ Torre Bermúdez, s/n
15940 A Pobra do Caramiñal
tel.: 98 183 16 62
email: museo@valle-inclan.org
www.valle-inclan.org
www.apobra.org

MUSEO-CASA NATAL GASPAR MELCHOR DE JOVELLANOS
C/ Plaza de Jovellanos, s/n
33201 Gijón. Asturias
tel.: 98 518 51 52
fax: 98 518 51 52
email: museojovellanos@gijon.es
bibliotecamuseojovellanos@gijon.es
museos.gijon.es

CASA-MUSEO NICETO ALCALÁ-ZAMORA Y TORRES
Río, 33
14800 Priego de Córdoba. Córdoba
tel.: 95 754 30 30 / 69 063 81 00
fax: 95 754 30 30
email: museoalcalazamora@gmail.com
www.epriego.com/niceto

PATRONATO CARMEN CONDE - ANTONIO OLIVER
Centro Cultural “Ramón Alonso Luzzy”
C/ Jacinto Benavente, 7
30203 Cartagena. Murcia
tel.: 96 812 89 24
fax: 96 812 88 56
email: carmenconde@ayto-cartagena.es
www.patronatocondeoliver.es

FUNDACIÓN RESIDENCIA DE ESTUDIANTES
C/ Pinar, 23
28006 Madrid
tel.: 91 563 64 11
fax: 91 564 38 90
email: dirección@residencia.csic.es
www.residencia.csic.es

CASA-MUSEO GABRIEL Y GALÁN
Plaza de España, 12
10665 Guijo de Granadilla. Cáceres
tel.: 92 743 97 00 / 43 90 82
fax: 92 743 93 56
email: juanjosebs13@hotmail.com
www.guijodegranadilla.com

MUSEO POETA DOMINGO RIVERO
C/ Torres nº 10, 1º
35002
Las Palmas de Gran Canaria
tel.: 60 952 83 25 / 60 537 17 18
fax: 92 837 02 21
email: gestion@museodomingorivero.com
www.museodomingorivero.com

MUSEU DA FUNDAÇÃO CUPERTINO DE MIRANDA
Fundação Cupertino de Miranda
Praça D. Maria II
4760-111 Vila Nova de Famalicão
tel.: +351 252 301 650
fax: +351 252 301 669
www.fcm.org.pt
email: museu@fcm.org.pt
geral@fcm.org.pt

FUNDAÇÃO AQUILINO RIBEIRO
Rua Juiz Conselheiro Aníbal Aquilino Ribeiro, Soutosa
3620-443 Peva. Moimenta da Beira – Viseu
tel.: +351 232 607 293
email: fundacaoaquilinoribeiro@gmail.com
www.facebook.com FundacaoAquilinoRibeiro

FUNDACIÓN VALLE-INCLÁN
Praza da Pastoriza s/n
36620 Vilanova de Arousa
Apartado de Correos 63
tel.: 98 655 46 62
email: info@fundacionvalleinclan.org
www.fundacionvalle inclan.org

CASA-MUSEO BLASCO IBÁÑEZ
Isabel de Villena, 159
46011 Valencia
tel.: 96 208 25 86
fax: 96 356 47 85
email: cmvbi@valencia.es
www.casamuseoblascoibanez.com

ESPAÇO MIGUEL TORGA
Rua Miguel Torga,
5060-449 S. Martinho de Anta
tel.: +351 259 938 017
tel.: +351 259 937 120
email: geral@espacomigueltorga.pt

FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ
Caminho de Jacinto, 3110
Quinta de Tormes – Baião
4640-424 Santa Cruz do Douro
tel.: +351 254 882 120
fax: +351 254 885 205
email: info@feq.pt
www.feq.pt

FICHA TÉCNICA

organización
Asociación de Casas-Museo y
Fundaciones de Escritores (ACAMFE) - 2017

cordinación
António Gonçalves

textos
Fundação Aquilino Ribeiro
Fundación Blas de Otero
Patronato Carmen Conde - Antonio Oliver
Museo Poeta Domingo Rivero
Fundação Eça de Queiroz
Museo Casa Natal Federico García Lorca
Fundación Zenobia y Juan Ramón Jiménez
Casa Museo Lope de Vega
Museu da Fundação Cupertino de Miranda
Fundación Max Aub
Casa-Museo Unamuno
Centro de Interpretación Armando Palacio Valdés
Casa-Museo Benito Pérez Galdós
Casa-Museo Ramón del Valle-Inclán
Fundación Centro de Estudios Vicente Blasco Ibáñez
Associazione Nazionale Case della Memoria, Italia

design
Cristina Lamego

impressão
Norprint - a casa do livro

depósito legal
425028/17

edição
Abril '17

500 exemplares

Este libro no se destina a la venta

Miguel de Cervantes